

CLÁUDIA CRISTINA HENRIQUES FIELAS

**A BÚSSOLA E OS CINCO PONTOS CARDEAIS: NO
CAMINHO DA CRIATIVIDADE?**

Orientadora: Sara Ibérico Nogueira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Psicologia

Lisboa

2012

CLÁUDIA CRISTINA HENRIQUES FIELAS

**A BÚSSOLA E OS CINCO PONTOS CARDEAIS: NO
CAMINHO DA CRIATIVIDADE?**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre no curso de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Prof.essora Doutora Sara Ibérico Nogueira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Psicologia

Lisboa

2012

O presente impõe formas.
Sair dessa esfera e produzir outras formas constitui a criatividade.

Hugo
Hofmannsal

Dedicatórias

Dedico este trabalho de final de curso à minha família, principalmente aos meus pais, avó e madrinha, ao meu namorado, às minhas amigas e companheiras de vida académica e aos meus grandes amigos de infância.

Agradecimentos

À minha professora orientadora Doutora Sara Ibérico Nogueira, pelo apoio, disponibilidade e confiança.

À minha família, principalmente aos meus pais, pelo apoio incondicional em todos os momentos importantes da minha vida, por terem investido em mim e na minha instrução como ser humano e como profissional.

Ao meu namorado, por todo o apoio ao longo da minha vida académica, bem como disponibilidade para me ajudar.

Às minhas amigas e companheiras de vida académica, cinco anos vivendo lado a lado, apoiando-nos umas às outras.

Aos meus grandes amigos de infância que sempre me apoiaram.

Finalmente, mas não menos importante, aos alunos que colaboraram na recolha da minha amostra, sem eles este estudo não teria sido possível.

Resumo

As investigações sobre criatividade desempenham um deslumbramento sobre quem nelas se estreia, tal é o efeito de esplendor que fomenta logo após as primeiras tentativas de percepção, assim a criatividade trata-se de uma matéria que alguns cientistas e escritores como Vygotsky, Dostoievski, Damásio, Leo Szilard e Jonas Salk têm em consideração.

O presente estudo visa analisar a relação entre a Criatividade, Personalidade e Motivação nos estudantes do curso de Psicologia e investigar as relações existentes entre as variáveis sócio demográficas e as respectivas variáveis do estudo.

Foi utilizada uma amostra de conveniência de 176 alunos da ULHT, sendo 39 do género masculino (22,2 %) e 137 do género feminino (77,8 %), com idades compreendidas entre 18 e 52 anos ($M = 25,05$; $DP = 6,81$), que preencheu um protocolo de investigação constituído por um questionário de caracterização sócio-demográfica, um teste figurativo para avaliar a Criatividade (TCT-DP, Urban & Jellen, 1996), um questionário de Motivação de Prática Deliberada (Monteiro, Cruz, Almeida & Vasconcelos, 2010) e um teste para avaliar a Personalidade (NEO-FFI, Lima & Simões, 2000).

Os resultados obtidos revelaram que a Criatividade se correlaciona positivamente com a Abertura à Experiência ($r = .173$; $p \leq .05$), o que sugere que evoluem no mesmo sentido. Tendo em conta a importância das variáveis do NEO-FFI e a Criatividade, verificou-se que a Abertura à Experiência explica 2.99% [$F(1) = .5.328$; $p = .022$ R Squared = .029].

Palavras-chave: criatividade, personalidade, motivação, TCT-DP.

Abstract

Investigations on creativity play a dazzling debut on who is in them, such is the effect of radiance that fosters shortly after the first attempts at perception, creativity so it is a matter that some scientists and writers such as Vygotsky, Dostoyevsky, Damasio, Leo Szilard and Jonas Salk take into consideration.

This study aims to analyze the relationship between Creativity, Motivation and Personality in students of psychology and investigate the existing relationships between sociodemographic variables and the respective study variables.

A convenience sample was used, composed of 176 students of ULHT, 39 male (22.2%) and 137 female (77.8%), aged between 18 and 52 years old ($M = 25.05$; $SD = 6.81$), who completed a research protocol consisting of a sociodemographic questionnaire, a figurative test to evaluate Creativity (TCT-DP, Urban & Jellen, 1996), a questionnaire of Motivation of Deliberate Practice (Monteiro, Cruz Almeida & Vasconcelos, 2010) and a test to assess Personality (NEO-FFI, Lima & Simões, 2000).

The results obtained revealed that Creativity is correlated with Openness to Experience ($r = .173$, $p \leq .05$), suggesting that they evolve in the same direction. Given the importance of the NEO-FFI variables and Creativity, the highest value found on regression was in Openness to Experience, which explains 2.99% [$F(1) = .5.328$, $p = .022$ $R^2 = .029$].

Keywords: creativity, personality, motivation, TCT-DP

Índice Geral

Introdução.....	12
PARTE I – REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
CAPÍTULO I – CRIATIVIDADE.....	16
1. Conceito de Criatividade.....	17
1.1. Evolução do Conceito segundo os Paradigmas da Psicologia.....	18
2. Teorias da Criatividade.....	22
3. Criatividade em função das variáveis sócio demográficas.....	25
4. Criatividade e Sociedade.....	27
CAPÍTULO II – PERSONALIDADE.....	30
1. Conceito de Personalidade.....	31
1.1. Evolução do Conceito segundo os Paradigmas da Psicologia.....	32
2. Teoria dos Cinco Factores.....	36
3. Personalidade e Género.....	37
4. Personalidade e Criatividade.....	38
CAPÍTULO III – MOTIVAÇÃO.....	41
1. Conceito de Motivação.....	42
2. Teorias da Motivação.....	43
3. Motivação para a Prática Deliberada.....	46
4. Motivação e Género.....	47
5. Motivação e Ensino.....	47
6. Motivação e Criatividade.....	48
CAPÍTULO IV – OBJECTIVOS DO ESTUDO.....	50
1. Objectivo Geral.....	51
2. Objectivos Específicos.....	51
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	52
CAPÍTULO V – METODOLOGIA.....	53
1. Amostra.....	54
2. Instrumentos.....	56
2.1. Teste de Pensamento Criativo -TCT-DP.....	56
2.2. Questionário de Motivação para Prática Deliberada.....	58
2.3. NEO Five-Factor Inventory – NEO-FFI	59
2.4. Questionário de Dados Sócio demográficos.....	59
3. Procedimento.....	60
CAPÍTULO VI – RESULTADOS.....	62

1. Qualidades Psicométricas dos instrumentos.....	63
1.1. Qualidades Psicométricas do TCT-DP.....	63
1.2. Qualidades Psicométricas do QMPD.....	65
1.3. Qualidades Psicométricas do NEO-FFI.....	67
2. Análise Descritiva dos instrumentos.....	67
2.1. Análise Descritiva do TCT-DP.....	67
2.2. Análise Descritiva do QMPD.....	68
2.3. Análise Descritiva do NEO-FFI.....	69
3. Normalidade das dimensões em estudo.....	70
4. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação na amostra em estudo.....	71
5. Correlações.....	81
6. Análise de Regressão.....	82
CAPÍTULO VII – DISCUSSÃO	84
Conclusão.....	91
Bibliografia.....	93
APÊNDICES.....	I
Apêndice I.....	II
ANEXOS.....	IV
Anexo I.....	V
Anexo II.....	VII
Anexo III.....	X

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização da amostra por géneros.....	55
Tabela 2. Matriz Rodada e variância do TCT-DP total e por factor.....	63
Tabela 3. Consistência Interna do Factor 1.....	64
Tabela 4. Consistência Interna do Factor 2.....	64
Tabela 5. Consistência Interna do Factor 3.....	65
Tabela 6. Consistência Interna do Factor 4.....	65
Tabela 7. Consistência Interna do Factor 1.....	66
Tabela 8. Consistência Interna do Factor 2.....	66
Tabela 9. Consistência Interna do Factor 3.....	66
Tabela 10. Consistência Interna do Factor 4.....	66
Tabela 11. Consistência Interna do Factor 5.....	67
Tabela 12. Análise Descritiva do TCT-DP.....	67
Tabela 13. Análise Descritiva do QMPD.....	69
Tabela 14. Análise Descritiva do NEO-FFI.....	70
Tabela 15. Normalidade das dimensões através do Teste Kolmogorov-Smirnov.....	70
Tabela 16. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre géneros.....	71
Tabela 17. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Motivação e Personalidade entre as idades.....	72
Tabela 18. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre o estado civil.....	73
Tabela 19. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre estudantes de Licenciatura e estudantes de Mestrado.....	74
Tabela 20. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre os alunos que reprovaram de ano e os que nunca reprovaram.....	75
Tabela 21. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre os sujeitos que têm uma profissão e os que não têm.....	76
Tabela 22. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre os tipos de Hobbies.....	77
Tabela 23. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre os Níveis Sócio – económicos.....	78
Tabela 24. Análise Post Hoc Tukey HSD entre a dimensão Neuroticismo e os Níveis Sócio – económicos.....	78

Tabela 25. Análise Post Hoc Tukey HSD entre a dimensão Conscienciosidade e os Níveis Sócio – económicos.....	79
Tabela 26. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre a Coabitação.....	79
Tabela 27. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre a posição na fratria.....	80
Tabela 28. Correlações entre as dimensões do NEO-FFI, Criatividade e Motivação.....	81
Tabela 29. Correlações entre as dimensões do NEO-FFI a e Motivação.....	82

Glossário

APA – Associação de Psicologia Americana

TCT-DP - Test for Creative Thinking- Drawing Production

QMPD - Questionário de Motivação para a Prática Deliberada

NEO-FFI - NEO Inventário dos Cinco Factores

Introdução

No livro “Criação e Imaginação”, Vygotsky (s.d. cit. por Smolka, 2009) declara que a actividade criadora faz do Homem um ser que se direcciona para o futuro, erigindo-o e transformando a actualidade pessoal. Para este mesmo autor, a produção e criação tratam-se de condições imprescindíveis e tudo o que excede as limitações da rotina deve a sua génese ao sistema de criação do Homem, desta forma a obra de arte reúne sensações antinómicas, fomenta um sentimento harmonioso, tornando-se uma técnica social do sentimento.

Já António Damásio (2005), refere no seu livro “O Erro de Descartes” criar não depende de realizar congregações desnecessárias, mas em realizar aquelas que são vantajosas e estabelecem apenas uma pequena minoria.

Há autores que sustentam que a criatividade se sucede por meio da interacção entre os pensamentos de um indivíduo e um contexto sociocultural, existem episódios que podem manifestar-se espontaneamente da própria personalidade do Homem, devido a relacionar-se com uma função da mente humana. Por vezes, igualmente, exige ser estimulada através dos estímulos externos e internos. Com a finalidade de alcançar uma visão mais vasta do fenómeno da criatividade, deve-se ter em reflexão a interacção entre as características individuais e ambientais, as rápidas modificações na sociedade que constituem diferentes paradigmas e disputam resoluções mais ajustadas aos desafios que surgem, e o impacto do produto criativo tem na sociedade (Alencar & Fleith, 2003).

Desta forma, diversos autores (Alencar, 1992; Torrance, 1992; Alencar & Fleith, 2003) mencionam distintas razões para a importância de se promover a criatividade e desenvolvê-la de forma mais completa ao longo da vida. A indispensabilidade de criar, trata-se de uma parte saudável do ser humano, sendo a prontidão criativa auxiliada de sentimentos de satisfação e prazer, componentes indispensáveis para o bem-estar emocional e saúde mental do sujeito. (Alencar, 2007).

A criatividade difere de indivíduo para indivíduo em grau e amplitude em que esta progride, descendendo amplamente do ambiente (Alencar, 2007), bem como das características de cada sujeito, como a personalidade. A propensão para assumir riscos, a afectividade, o humor, o desafio, o dinamismo, a liberdade, a confiança e o apoio de ideias são dimensões relevantes para a expressão criativa (Isaksen & Lauer, 1998).

A criatividade pode ser compreendida como a interacção entre os processos cognitivos, as características de personalidade, a motivação e os elementos ambientais, concebidos de formamais ampla, abrangendo aspectos educacionais, sociais e culturais.

Distingue-seentão a criatividade de forma multidimensional, necessitando assim de ser estudada sob diversosângulos ou facetas (Wechsler, 2008).

As características da personalidade criativa têm sido alvo de infinitosestudos com o objectivo de reconhecer os componentes afectivos e comportamentais quedistinguemum sujeito criativo. Contudo subsistem controvérsias sobre este tema, um conjunto de especificidades é exibido como umindicativo de uma personalidade criativa, abrangendo várias dimensões,como a fantasia, a sensibilidade afectiva, o inconformismo, a motivação, a preferência pelacomplexidade, a audácia eo dinamismo (Puccio & Murdock, 1999).

Alguns traços da personalidade cooperam assim para a expressão da criatividade, distinguindo as pessoas com alta produção criativa pela apresentação de um conjunto de traços de personalidade, como a predisposição para correr riscos, confiança em si mesmo, tolerância à ambiguidade, coragem para manifestar novas ideias, obstinação perante obstáculos e ainda um certo grau de auto-estima (Alencar, 2002).

Diversos são os estudos que relacionam as dimensões da personalidade (NEO-PI; NEO-FFI) do sujeito com o seu nível de criatividade (Guilford, 1950; Maslow, 1968; Barry & Harrington, 1981; Sternberg & Lubart, 1991; McCrae, 1993/94; Feist, 1998; Soldz & Vaillant, 1999, cit. Wolfradt & Pretz, 2001; Alter, 2001; Santos et al, 2003, Larach, 2009), sobretudo a Abertura à Experiência.

Também os recursos motivacionais encontram-se relacionados com as forças impulsionadoras da performance criativa, especialmente a motivação intrínseca para a criatividade, centralizada na tarefa, sendo importante para o indivíduo, estando mais predisposto a responder criativamente a uma determinada tarefa, quando se encontra motivado para a realizar (Alencar, 2002).

Desta forma, a presente investigação tem como objectivo geral, analisar a relação entre a criatividade, a personalidade e motivação nos estudantes do curso de Psicologia e, como objectivos específicos, investigar as relações existentes entre as variáveis sócio demográficas, nomeadamente o género, a idade, as habilitações literárias, o nível sócio-económico e a posição na fratria e as respectivas variáveis do estudo.

Esta investigação encontra-se dividida em sete capítulos. O referencial teórico encontra-se dividido em quatro partes, a conceptualização da dimensão Criatividade, a conceptualização da dimensão Personalidade, a conceptualização da dimensão Motivação e os Objectivos do Estudo. O Estudo Empírico encontra-se dividido em três partes, a Metodologia onde se encontra a descrição da amostra, dos instrumentos e o procedimento, os Resultados e

a Discussão dos mesmos. Finalmente encontra-se a conclusão do estudo, os apêndices e anexos referidos ao longo da investigação.

PARTE I – REFERENCIAL TEÓRICO

CAPÍTULO I – CRIATIVIDADE

1. Conceito de Criatividade

A palavra criatividade encontra-se associada ao termo romano ‘creare’ criar, fazer, elaborar e ao termo grego ‘krainen’, realizar, desempenhar e preencher. Assim, enquanto que na antiga Grécia a criatividade era conferida à inspiração das musas, omitindo o sentido de realização pessoal, em Roma divulgaram o sentido de edificação de algo novo e inauguraram o caminho para a visão cristã da influência divina (Bahia, 2007).

Actualmente, a palavra criatividade surge no dicionário de língua portuguesa como a “capacidade de produção do artista, do descobridor e do inventor que se manifesta pela originalidade inventiva” e “faculdade de encontrar soluções diferentes e originais face a novas situações” (Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora, 2011).

Apesar da criatividade ser consensualmente designada por muitos autores como um processo intelectual a partir do qual surgem novos resultados, contudo quanto ao melhor termo para definir este processo, a consensualidade ainda não foi atingida. Diversas nomenclaturas como, criatividade, processo criativo, pensamento criativo ou divergente, produto ou expressão criativa, demonstram a complexidade em restringir as partes do todo que é a criatividade (Bahia 2007).

A criatividade trata-se de uma aptidão humana que possibilita a percepção de um problema e a concepção de novas ideias (Torrance, 1974, 1998) ou a habilidade para raciocinar de forma independente, inédita e eficaz (Sternberg, 2005) a partir de um problema criando algo novo (Guilford, 1950).

Na aceção de Vygotsky (1978, cit. por Bahia, 2008) trata-se de uma qualidade intrínseca à essência humana na medida em que cada sujeito se torna um criador flexível do seu futuro pessoal e coopera potencialmente para o futuro da sua cultura através do progresso da criatividade.

Segundo De La Torre (1997, cit. por Sakamoto, 1999) “a criatividade é um bem social” e nas suas palavras alega: “Cada vez vejo com mais clareza que a criatividade, bem como a educação e a saúde, são bens e exigências sociais. Tratam-se de valores que acabam por ultrapassar as fronteiras do sujeito individual.” Segundo este mesmo autor, é fundamental colocar-se a criatividade em termos de crescimento institucional ou das organizações, em termos da inovação e em termos de mudança social. A criatividade abrange tanto a auto-realização como o desenvolvimento social, sendo o resultado da interacção sociocultural e só será plena quando impulsionar melhorias sociais ou culturais.

A criatividade é definida como um protótipo construtivo de um novo estilo de pensamento e de representação (Prado-Diez, 2000, cit. por Bahia & Ibérico Nogueira, 2005),

acaba assim por ser razoavelmente abrangente para incluir diversos quadros teóricos que a pretendem analisar e entender e, simultaneamente realça a importância do seu estudo nos vários domínios pessoais, sociais e profissionais do sujeito.

Ao nível individual, a criatividade é notável quando se resolvem problemas no emprego, no dia-a-dia. Ao nível social, a criatividade pode guiar até novas descobertas científicas, novos movimentos artísticos, novas ideias e novos programas sociais. A importância económica da criatividade é clara, visto que, os novos produtos ou serviços criam emprego. Para além disso, as sociedades devem moldar os recursos actuais às exigências das tarefas constantemente em alteração, de forma a permanecerem competitivos (Sternberg, 2005).

Assim, a criatividade trata-se da aptidão de produzir um produto que seja uma novidade, isto é, original e adequado, adaptável no que diz respeito às restrições das tarefas (Lubart, 1994; Ochse, 1990; Sternberg, 1988; Sternberg & Lubart, 1991, 1995, 1996, cit. por Sternberg, 2005).

Contudo, o conceito de criatividade permanece polémico, pois ainda não se alcançou uma definição, distintamente reconhecida pela comunidade científica. Desta forma, a criatividade pode ser estudada a partir de várias perspectivas teóricas (Wechsler, 1998) como, por exemplo, a psicanalista, a humanista, a comportamental, a teoria da Gestalt ou, mais recentemente, os modelos sistémicos, balizando a influência do elemento social na conduta criativa (Amabile, 1983, 1996; Csikszentmihalyi, 1999; Simonton, 1984).

Porém, apesar da controvérsia em torno de uma definição abrangente e elucidativa, parecer-se consensual a noção de que a criatividade trata-se de um processo complexo, multifacetado, que envolve a definição e redefinição de problemas (Sternberg & Lubart, 1991) e que envolve a congregação do conhecimento já existente numa nova forma através da utilização de ideias antigas em novos contextos, ou através da perspectiva inovadora de conhecimentos antigos (Sutton, 2002, cit. por Alencar, 2007).

1.1.Evolução do conceito segundo os Paradigmas da Psicologia

A focalização e interesse da Psicologia pelo estudo da criatividade é relativamente recente. Durante a primeira metade do século XX, foi a investigação da inteligência que prevaleceu entre os psicólogos empenhados no estudo dos processos de pensamento. Nessa altura, imperava a ideia de que criatividade não apresentava nenhum enigma distinto, visto que o conceito de inteligência era encarado por muitos psicólogos como satisfatório para compreender todos os aspectos do funcionamento mental, pressupondo ainda que os

instrumentos que avaliavam a inteligência poderiam medir qualquer processo que ocorresse na mente (Getzels & Csikszentmihalyi, 1976).

Outro desígnio era também que a inteligência se apropriava a qualquer sujeito, ao contrário da criatividade, que tratava-se de uma atribuição que apenas alguns privilegiados possuíam, sendo desta forma vista como um dom divino, existente apenas num grupo seleccionado de indivíduos, assim a criatividade implicava apenas um fulgor de inspiração, que sucedia em determinados indivíduos sem uma razão compreensível (Alencar, 1986).

Os autores (Kneller, 1976; Alencar, 1995, cit. por Alencar & Fleith 2003; Wechsler, 1998) referem os estudos de Freud. Este autor perspectivava no inconsciente as origens tanto da neurose como da criatividade, tendo efectuado estudos de casos de sujeitos notáveis, como Leonardo Da Vinci, ponderando o seu trabalho criativo como uma sublimação de complexos reprimidos.

Segundo Winnicott (1971/1975, cit. por Sakamoto, 1999), a criatividade trata-se de um potencial congénito que se torna existente na “abordagem do indivíduo à realidade externa” e associa-se a importantes aquisições do desenvolvimento humano, como a estruturação da identidade pessoal e o estabelecimento de uma relação “verdadeira” com o mundo, pautada nos parâmetros de realidade. Para o autor anteriormente referido, a criatividade está na base das relações do ser humano com o ambiente e apoia-seno processo de constituição do sentimento de “valor do viver” – o sentimento particular de que a existência é significativa e vale à pena ser vivida, que é despertado pelo “impulso espontâneo”. Segundo a sua teoria do desenvolvimento emocional primitivo, encontram-se interessantes hipóteses sobre as origens da criatividade humana. Este mesmo autor postula, que a criatividade trata-se de um efeito directo das experiências primitivas vividas pelo ser humano no início da sua existência, em termos da adição das suas necessidades básicas de cuidado e protecção, assim o rumo do potencial criativo sucede em paralelo com o desenvolvimento emocional primitivo, no desenvolver dos processos fulcrais da integração básica da personalidade.

Outro paradigma que também conduziu a várias contribuições para a perceptiva da Criatividade foi o da *Gestalt*, a partir desta desencadearam-se diversas investigações sobre o *Insight*. Esta perspectiva defende que a circunstância do processo criativo emerge usualmente e de forma repentina, tratando-se de uma nova ideia ou solução de um problema (Alencar & Fleith 2003). Os teóricos da Gestalt, especialmente Wertheimer (1959 cit. por Alencar & Fleith 2003), também referiram o pensamento produtivo como os processos de pensamento que ocorrem no trabalho criativo.

Os representantes da Psicologia Humanista, (Rogers, 1959; Maslow, 1969; Rollo May, 1982, cit. por Alencar & Fleith 2003) são também identificados pelas suas investigações sobre a origem da criatividade e as circunstâncias essenciais para a sua expressão. Estes autores realçaram a importância da tendência humana em direcção à auto-realização como energia mobilizadora da criatividade. Ponderaram que não basta o impulso interno para se auto-realizar, é igualmente imprescindível um meio que propicie autonomia de escolha e de execução, com reconhecimento e estimulação do potencial para a criação de cada sujeito.

Segundo Rogers (s.d. cit. por Novaes, 1977) este autor descreve a criatividade como a emergência de um produto relacional diferente, resultante da singularidade do sujeito e dos instrumentos dos acontecimentos, de outros indivíduos e das condições da sua vida. Na perspectiva deste autor, o indivíduo é criativo dentro da sua individualidade e na ligação com outros indivíduos e circunstâncias de vida, desta forma, perante esta perspectiva existe o alargamento até à noção de contexto, como participante no processo criador, deslocando-se a concepção do ambiente anteriormente citado, o universo inatista das capacidades, para um método criador que é preponderado pelas conexões determinadas com o meio, em que o indivíduo, potencialmente criativo se encontra incluído.

Gardner (1988) ambiciona produzir um modelo de criatividade holístico, um modelo multifacetado e complexo que vai além dos aspectos genéticos, psicológicos ou históricos. São desta forma apresentados diversos níveis de análise, com distintos graus de especificidade, podendo qualquer um deles, colaborar para as actividades criativas. Assim, “a análise da criatividade em todas as suas formas está além da competência de uma única disciplina” (Gardner, 1996 cit. por Sakamoto, 1999) sendo constituída pelo nível *Subpessoal* que diz respeito às investigações “biologicamente orientadas” reunindo conspectos relacionados com a genética e a neurobiologia, designadamente o funcionamento e a estrutura do sistema nervoso central, bem como factores metabólicos e hormonais; o nível *Pessoal* que averigua os processos cognitivos e as características da personalidade, sociais e afectivas, bem como a motivação; o nível *Extrapessoal* que busca a área da disciplina do indivíduo criativo, área onde o sujeito se confronta e baliza a sua produção criativa e finalmente; o nível *Multipessoal* que contempla a maneira como os membros do contexto avaliam, onde se definem os comportamentos e as normas.

Na transição da primeira para a segunda metade do séc. XX, Guilford (1950), no seu discurso enquanto presidente da APA, convidou os psicólogos a dedicarem especial atenção ao que ele encarava se tratar de uma qualidade descurada mas de extrema importância, a criatividade. No seu discurso, salientou, que os testes de inteligência estariam a avaliar

somente respostas referentes ao que o indivíduo teria aprendido e conhecimentos assimilados anteriormente e que seria capaz de reproduzir na situação de testes. Contudo, a criatividade envolveria um tipo de pensamento divergente, que seria avaliado pela capacidade do indivíduo de produzir novas respostas. Este autor colaborou ainda com duas hipóteses muito importantes com relação à criatividade, a primeira é que a criatividade abrangeria sistemas diversos daqueles envolvidos no conceito de inteligência. A segunda é que a criatividade estabeleceria uma variável multidimensional e que incluiria diversos traços, como sensibilidade para problemas, flexibilidade de pensamento, fluência de pensamento e originalidade.

Segundo Gliselin (1963), refere a existência de dois tipos de criatividade, a criatividade primária e a criatividade secundária, a primeira equivaleria à alta criatividade, na qual acontecem os *Insights* que mudam intensamente o real, tratando-se da característica dos sujeitos que dedicam toda uma vida ao trabalho criativo. A segunda seria banal ao resto da população e comprometeria apenas a extensão de algo conhecido a novos domínios.

Segundo Taylor (1976), este caracteriza, cinco tipos de criatividade, nomeadamente a Criatividade Expressiva, em que o sujeito tem inteira autonomia de manifestar os seus sentimentos, de modo criativo, como o desenho livre, a expressão verbal, a improvisação dramática e outras actividades semelhantes situam-se neste âmbito. A Criatividade Produtiva, em que a criação se encontra delimitada a certas condições metodológicas, de tempo e de economia. Interessa mais a produção da obra que a expressão ou as suas características artísticas, a investigação científica é um exemplo deste tipo de Criatividade. A Criatividade Inventiva, onde se unem as características expressivas e produtivas para se obterem descobertas totalmente inéditas, por vezes totalmente imprevistas, as grandes invenções, como o telefone, ou a televisão são exemplos deste tipo de criatividade. A Criatividade Inovadora, refere-se a transformações inovadoras num campo específico de estudos, das ciências ou das artes, trazendo novas perspectivas, mais do que a criação de obras, relaciona-se com a alteração criativa de teorias e concepções, finalmente a Criatividade Emergente, só conseguida pelos génios, que conseguem fazer da criatividade um hábito quotidiano. Leonardo Da Vinci, Camões e Mozart, podem ser apontados como exemplos, por desfrutarem de uma extrema aptidão criativa, quase que constante, natural e espontânea.

De acordo com Simonton (1976, cit. por Alter, 2001), realça a importância do ambiente face à criatividade, ou seja, o meio envolvente no qual a criatividade é estimulada também inclui a esfera mais alargada do nosso ambiente político. Por exemplo, em tempo de anarquia, quando permanece muita inquietação e ambiguidade, o progresso criativo é

reprimido. No entanto, quando uma civilização encontra-se dividida em estados independentes que coabitam pacificamente, o potencial criativo é encorajado. Para além disso, quando permanece uma diversidade cultural, devido a viagens, imigração ou vida académica fora do país de origem, verifica-se um ambiente cultural enriquecido e desta forma a criatividade prospera (Simonton, 1997, cit. por Alter, 2001). Segundo este modelo, nenhum componente individual ou isoladamente, pode ser suficiente e responsável pelo processo criativo. Os componentes actuam em conjunto como um sistema funcional, em diferentes níveis, com diferentes sub-componentes e em diferentes combinações de sub-componentes. As estruturas respectivas ou as diferentes criatividades são dependentes de factores como o tipo de problema e as respectivas condições do micro e macro ambiente (Urban & Jellen, 1996).

A abordagem sistémica (Csikszentmihalyi, 1988) encara a realização inovadora e criativa como consequência do sujeito (biológico e as experiências), do âmbito do conhecimento e do campo (especializados numa área específica que possuem o poder de estabelecer a estrutura do domínio e de considerar o produto como criativo).

Desta forma é possível constatar que a partir da década de cinquenta verificou-se um interesse crescente pela criatividade e inumeráveis aspectos passaram a ser investigados, como por exemplo, as características cognitivas, motivacionais e de personalidade de sujeitos excessivamente criativos, os factores ambientais que auxiliam o seu progresso e revelação, a conexão entre a criatividade durante a infância e na vida adulta, as relações entre criatividade e inteligência, bem como as principais dificuldades no seu progresso (Alencar, 2007).

Nos últimos quarenta anos, novas contribuições teóricas emergiram, abrangendo diversos elementos, ponderados imprescindíveis para a ocorrência da criatividade. Até aos anos 70, o propósito era delinear o perfil do indivíduo criativo e desenvolver programas e técnicas que auxiliassem a manifestação criativa (Alencar, 2007).

2. Teorias da Criatividade

Desta forma, para se assimilar o porquê, quando e como novas concepções são produzidas, é imprescindível ponderar tanto variáveis internas quanto variáveis externas ao indivíduo.

Três modelos de criatividade foram compostos com base nessa abordagem recente: a teoria de investimento em criatividade de Sternberg (1988, 2001; Sternberg & Lubart, 1996),

o modelo componencial de criatividade de Amabile (1983, 1996, 1999) e a perspectiva de sistemas de Csikszentmihalyi (1988, 1999).

Os dois primeiros modelos têm componentes comuns com a abordagem sistêmica de Csikszentmihalyi (1999), que estuda a criatividade como produto de factores do sujeito, do domínio e do campo e de Simonton (1984), que pesquisou determinantes ambientais e históricos da criatividade e ainda da teoria triárquica da inteligência proposta pelo próprio Sternberg (1985).

Segundo Sternberg (1988) quando desenvolveu a Teoria do Investimento em Criatividade, embora ponderasse que o paradigma completo deste fenómeno necessitasse envolver tanto o ambiente como variáveis pessoais que auxiliam ou entram a exteriorização da criatividade, cingiu-se a alguns atributos internos do sujeito que colaboram para o funcionamento criativo, atribuindo realce à inteligência, estilo cognitivo, personalidade e motivação. O mesmo autor e com a colaboração de Lubart (1996/1988, cit. por Alencar & Fleith 2003) ampliaram juntos, o modelo originalmente enunciado, ponderando a conduta criativa como consequência da convergência de seis factores distintos e inter-relacionados, apontados como recursos fundamentais para a manifestação criativa, seriam a inteligência, estilos intelectuais, conhecimento, personalidade, motivação e contexto ambiental.

Segundo a Teoria de Sternberg e Lubart (1988, cit. por Sternberg & Lubart, 1996), alguns traços de personalidade cooperam mais do que outros para a expressão da criatividade, destacando os indivíduos com alta produção criativa pela exibição de um conjunto de traços de personalidade, como propensão a correr riscos, confiança em si mesmo, tolerância à ambiguidade, coragem para expressar novas ideias, perseverança diante de obstáculos e ainda um certo grau de auto-estima, embora nem todos eles estejam forçosamente presentes.

Relativamente aos recursos motivacionais, estes dizem respeito às forças incitadoras da performance criativa, particularmente a motivação intrínseca, centrada na tarefa, é de incalculável importância para a criatividade, uma vez que as pessoas encontram-se dispostas a responder criativamente a uma determinada tarefa, quando são instigadas pelo prazer de realizá-la.

O Modelo Componencial de Amabile (1983), descreve a criatividade como produto de três componentes, especificamente as aptidões de domínio, os processos criativos evidentes e a motivação intrínseca para o trabalho criativo. Este terceiro componente, pode ser instruído pelo ambiente social, a motivação intrínseca tem em consideração a satisfação e o envolvimento que o sujeito tem pela tarefa, independentemente de reforços externos e abrange interesse, competência e auto-determinação. Por outro lado a motivação extrínseca

pode deteriorar o sistema criativo (Amabile, 1983, 1996), devido ao envolvimento do indivíduo numa tarefa com a finalidade de conseguir alcançar uma meta externa à tarefa sendo assinalada pela gratificação e reconhecimento exteriores, podendo levar o indivíduo a sentir-se conduzido, dominando negativamente o empenho e execução na tarefa (Hennessey & Amabile, 1988, Collins & Amabile, 1999, cit. por Alencar & Fleith 2003).

Este modelo de criatividade envolve cinco estágios, o primeiro relaciona-se com o reconhecimento do problema ou da tarefa, onde o indivíduo reconhece um problema distinto como tendo valor para ser decifrado. Caso o sujeito tenha um nível elevado de motivação intrínseca pela tarefa, esse empenho será razoável para aliciá-lo no processo. O segundo estágio abrange a elaboração, no instante em que o indivíduo traça ou constrói uma panóplia de informações importantes para a resolução do problema, o fulcral neste estágio é o aperfeiçoamento de habilidades de domínio. No terceiro estágio, designado geração de resposta, o nível de originalidade do produto ou resposta é estabelecido, o sujeito concebe diversas capacidades de respostas, usufruindo de processos criativos notáveis e da sua motivação intrínseca. No quarto estágio, decorre da comunicação e da validação da resposta, finalmente o último estágio, designado resultado, apresenta a tomada de decisão em relação à resposta, com origem na avaliação do estágio anterior.

Embora o modelo apresentado pelo autor acima referido contenha predominantemente elementos intra-individuais, o meio desempenha uma influência decisiva sobre cada um deles em todos os períodos do processo criativo (Amabile & Tighe, 1993, cit. por Alencar & Fleith 2003).

Csizszentmihalyi (1999) sustenta a ideia de que o centro dos estudos em criatividade deve fazer-se nos sistemas sociais e não apenas centrado no sujeito. Segundo o mesmo autor, “a criatividade não ocorre dentro dos indivíduos, mas é resultado da interacção entre os pensamentos do sujeitos e o contexto sociocultural, sendo um processo sistémico”.

Assim este autor, propôs a perspectiva de sistemas da criatividade, esta resulta de um sistema de interacção de três factores, o indivíduo (onde se congrega a informação genética e a experiência pessoal), o domínio cultural (conjunto de normas e comportamentos emblemáticos estabelecidos culturalmente) e o campo (onde se associa o sistema social).

Segundo Getzels e Csikszentmihalyi (1976) referem ainda que as dimensões de personalidade relevantes para o processo criativo são a abertura à experiência, a autonomia, a intuição, a primazia pela complexidade, a complacência à ambiguidade, o ímpeto para encontrar modelos ou significados, o ‘locus’ de controlo interno e a disponibilidade para correr riscos.

3. Criatividade em função das variáveis sócio demográficas

Têm sido efectuados variados estudos empíricos para aferir dimensões sociais, familiares, escolares e sócio-económicas, entre outras, nos níveis de criatividade e desempenho criativo.

As desigualdades no género na realização e no potencial de criatividade são muito polémicas, estando estas diferenças nitidamente evidenciadas na alta criatividade, a favor dos homens. Na explicação destas diferenças encontramos uma complexidade de influências biológicas e sociais (Morais, 2001; Simonton, 2000).

As diferenças de género foram avaliadas como um agente no processo criativo. Diversos autores (Bachtold & Werner, 1970/73; Kogan 1974, Baer, 1999, cit. por Alter, 2001) revelaram distinções fortes que apontavam que não subsistem diferenças entre os homens e as mulheres no que se refere ao seu potencial criativo. Por esse motivo, é incerto que existam, na criatividade, diferenças entre géneros inatas, as variações podem dever-se a diferenças culturais ou de ambiente. Gupta (1981, cit. por Alter, 2001) dirigiu um estudo com estudantes do 9º ano na Índia e revelou que não persistiam diferenças entre rapazes e raparigas nas medidas de criatividade verbal, criatividade não-verbal e criatividade composta. Igualmente no estudo de Sousa Filho e Alencar (2003), realizado no Brasil com jovens institucionalizados e não institucionalizados, através do TCT-DP, foram observadas diferenças estatisticamente significativas, a favor do género masculino. Também Paszkowska-Rogacz (1992), com o TCT-DP, também encontrou diferenças a favor dos rapazes.

A maioria dos estudos efectuados não indica a presença de diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas, nos níveis de criatividade, medidos pelo TCT-DP, tanto em Portugal (Almeida, Ibérico Nogueira & Bahia, 2007; Almeida & Ibérico Nogueira, 2008), como noutros países (Urban & Jellen, 1996).

Segundo investigações de Urban e Jellen (1996 cit. por Almeida, Ibérico Nogueira e Silva, 2008) relacionadas com a criatividade, não foram encontradas diferenças significativas em função da variável idade, constatando-se que a mesma não diferia a partir dos 11 anos de idade

Num estudo empírico realizado por Mostafa (2005 cit. por Almeida, Ibérico Nogueira e Silva, 2008) para avaliar os níveis de criatividade e de tendência para inovar, também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação à idade. Contudo um estudo realizado em Portugal, com 646 participantes, 40,6% do género masculino e os restantes 59,4 % do género feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 64 anos, apresentando uma média de 32 anos, permitiu verificar algumas diferenças entre

distintos grupos etários e entre níveis de escolaridades diferentes. Tendo sido utilizado o TCT-DP como medida da criatividade nos sujeitos, averiguaram-se diferenças estatisticamente significativas, demonstraram-se mais criativos os sujeitos mais velhos e os que manifestam mais habilitações literárias (Almeida, Ibérico Nogueira & Bahia, 2007), contudo outros estudos favorecem os sujeitos de grupos etários mais jovens (Almeida & Ibérico Nogueira, no prelo).

No que diz respeito ao nível sócio-económico, os resultados de várias investigações têm comprovado que as famílias que pertencem a níveis económicos mais elevados e os ambientes familiares mais estimulantes, com pais inteligentes e diferenciados, cooperam para que os sujeitos originários desses contextos manifestem melhores níveis de criatividade (Simonton, 2000; Runco, 2007).

As crianças de níveis sócio-económicos médios e inferiores manifestam aptidões diferentes de produção criativa (Haley, 1984, cit. por Alter, 2001).

Este mesmo autor dedicou-se à investigação, de forma a explorar o efeito que o estatuto sócio-económico tem sobre os estilos de resposta criativa em crianças pequenas de etnia africana. A amostra consistia em 42 crianças de etnia africana que frequentavam um centro de desenvolvimento de fundos estatais e 47 crianças de etnia africana da classe sócio-económica média. Os resultados indicaram que as crianças de estatuto sócio-económico médio destacavam-se verbalmente, enquanto os sujeitos com um estatuto sócio-económico mais baixo eram mais criativos.

A família desempenha um vigoroso domínio no desenvolvimento da criatividade. Independentemente do potencial de criatividade presente na criança, a directriz que o seu desenvolvimento adopta, no que diz respeito ao tipo de pensamento que vai encaminhar o seu funcionamento cognitivo seja ele convergente ou divergente, é marcadamente incutido pelo tipo de interacção que possui com os progenitores. A sociedade confere rígidas sanções negativas contra certas condutas, pelo que, os pais dirigem-se a invalidar determinados comportamentos não regulares aos seus filhos e fomentar sim, procedimentos que a cultura aprova.

Relativamente à posição na fratria, muitos investigadores interrogaram-se sobre a posição primogénita proporciona ou impossibilita a criatividade (Eisenman, 1987; Gaynor & Runco, 1992; Sulloway, 1996, cit. por Alter, 2001). Os imensos estudos realizados anunciam pouco consenso nos resultados encontrados. Alguns autores (Sulloway, 1996 cit. por Alter, 2001) indicam que os primogénitos são menos criativos do que os irmãos, porque tendem a ser mais moralistas, convencionais, e conformistas.

Suloway (1996, cit. por Runco, 2007) desenvolveu a ideia de que a criança do meio, particularmente o segundo filho, é aquele que mais naturalmente desenvolve uma personalidade mais independente. Os seus estudos mostraram uma interacção significativa entre a ordem de nascimento, idade e criatividade, a favor das crianças do meio, especialmente se forem segundo filhos.

Prováveis justificações para as diferenças de criatividade encontradas, referem-se por um lado, averiguar-se que os primeiros filhos têm uma propensão para as expectativas dos pais para que adoptem o seu papel junto dos irmãos mais novos, e por outro, porque os próprios primogénitos dirigem-se a assumir de forma voluntária esse papel para ir ao encontro da aceitação parental (Rosenberg, 1982; Suloway, 1996, cit. por Alter, 2001). Estas interacções resultam muitas vezes da adopção por parte dos primogénitos de procedimentos adultos, fomentando prematuramente nestes o progresso acelerado da consciência, responsabilidade e maturidade. Este tipo de progresso pode transmitir a um maior desenvolvimento intelectual, ambição e realização, o que traz como efeito uma resolução prematura de infância e o constrangimento da criatividade (Rosenberg, 1982 cit. por Baer, 1993).

Outros estudos mencionam que os irmãos mais novos são mais propícios a tornarem-se líderes revolucionários e cientistas, e neste sentido podem ser mais criativos do que os seus irmãos primogénitos (Simonton, 2000).

Relativamente ao pensamento divergente, constatou-se uma maior realização por parte de filhos únicos (Runco 2007). As justificações para tais resultados apontam para o facto dos filhos serem alvo de maior atenção, estimulação intelectual e exposição a modelos adultos (Sternberg & Lubart, 1996).

4. Criatividade e Sociedade

É possível constatar que tanto os factores intra-pessoais quanto interpessoais, tanto factores do próprio indivíduo quanto de natureza social poderão auxiliar ou dificultar a emergência do processo criativo. Segundo Stein (1974, cit. Alencar 1986), este autor enfatiza, os seguintes pontos, uma sociedade beneficia a criatividade na medida em que, proporciona condições ao indivíduo de ter experiências em inúmeras áreas. Assim, uma sociedade que limita a autonomia do sujeito para estudar, questionar, ou ter experiências diversas, diminuirá as suas oportunidades e previsivelmente debilitará a viabilidade de contribuições criativas, por sua vez uma sociedade que favorece a criatividade encoraja uma maior abertura a

experiências internas e externas. Desta forma, uma sociedade onde prepondera "não faça isto", "não tente aquilo", delimita a autonomia de questionar e a independência necessária à criatividade, uma sociedade estimula a criatividade no sentido em que valoriza a mudança e a originalidade, a criatividade é instigada numa sociedade onde os indivíduos criativos são reconhecidos socialmente e encorajados nas suas investigações (Alencar e Fleith, 2003).

Apesar do reconhecimento de que se necessita de conjunturas mais favoráveis ao desenvolvimento do pensamento criador, tem-se observado que muito pouco tem sido feito no sentido de se impulsionarem condições mais favoráveis ao progresso e manifestação da criatividade nos meios educacionais. Isto deve-se, em parte, à presença de uma série de ideias falsas a respeito de criatividade entre os educadores, como o facto de a criatividade ocorrer somente nos cursos de artes e é na área de educação artística que é possível desenvolvê-la. Tem-se constatado igualmente que o aluno mais criativo não é reconhecido na escola e nem tampouco tem recebido uma atenção por parte dos seus professores. Dado o programa amplo a cumprir, aliado ao curto período de tempo que o aluno permanece na escola, tende-se a desenvolver e favorecer apenas o desenvolvimento de um número muito reduzido de habilidades cognitivas.

É fulcral que a necessidade de uma educação mais criativa tem sido ressaltada por diversos autores (Guilford, 1950, 1971, 1979; Rogers, 1959; MacKinnon, 1959, 1970, Torrance, 1965, 1970, 1987, 1993, 1995, cit. por Alencar, 2007), nos últimos 50 anos. Estes e outros autores (Alencar, 1992, 1993; Alencar & Fleith, 2003, Maslow, 1969, cit. por Alencar, 2007), têm sinalizado diferentes razões para a consideração de se promover a criatividade e desenvolvê-la de forma mais ampla ao longo da vida, é necessário o reconhecimento de que a necessidade de criar é uma parte saudável e vantajosa para o ser humano, sendo a acção criativa seguida de sentimentos de satisfação e prazer, elementos básicos para o bem-estar emocional. Outra razão está relacionada com panorama actual, distinguido por ambiguidade, complexidade, desenvolvimento e mudanças que vão ocorrendo num ritmo exponencial, produzindo desafios e problemas inesperados, que exigem resoluções criativas. Uma terceira razão trata-se do facto de impedir o progresso do potencial criador corresponde a balizar as oportunidades de uma realização perfeita e a manifestação de distintos talentos.

Para combater tais dificuldades, é essencial que algumas barreiras à demonstração da criatividade do aluno sejam exploradas e progressivamente suprimidas. Dentre elas, evidenciam-se as atitudes autoritárias por parte do professor, adversidade em relação ao aluno que argumenta, que comenta, que discorda, tensão ao conformismo, que se manifesta através de um currículo inflexível, e de uma rotina na sala de aula que não se altera, ênfase

desproporcionado na reprodução do conhecimento em detrimento da produção do conhecimento, inexistência de uma inquietação em favorecer o aperfeiçoamento de um auto-conceito positivo e sentimentos de aptidão escolar, baixas expectativas tanto em relação ao potencial criador do aluno, quanto à consideração das suas habilidades de análise, síntese e avaliação (Alencar, 1986).

A partir do instante em que estas barreiras vão sendo gradativamente eliminadas e as técnicas de ensino criativas forem desenvolvidas, estar-se-á promover a conduta humana criativa nas nossas escolas. É assim da responsabilidade dos psicólogos, como estudiosos do comportamento humano, sensibilizar os educadores no sentido de que criem circunstâncias favoráveis ao desenvolvimento do potencial pleno de cada indivíduo e do seu potencial criador.

Neste sentido, também Amabile (1996), sugere alternativas de estimulação da criatividade na sala de aula, nomeadamente, encorajar a autonomia do sujeito, impedindo o controle exagerado e respeitando a individualidade de cada um, promover a independência enfatizando valores ao invés de regras, evidenciar-se as realizações ao invés de notas e prémios, evitar situações de competição, expor indivíduos a experiências que possam estimular a criatividade, encorajar atitudes de questionamento e curiosidade, usar feedback esclarecedor e informativo, fornecer aos alunos opções de escolha e finalmente apresentar sujeitos criativos como modelos.

Contribuindo para a ampliação destas possibilidades, Martínez (1997 cit. por Libório & Neves, 2010) acrescenta a esta lista algumas outras como o incitamento à auto-avaliação, interacção com o aluno fora do contexto da sala de aula, partilhar experiências pessoais relacionando-as ao conteúdo leccionado, de forma actualizada e conectadas entre si.

Cada vez mais o sector do Ensino Superior vai procurando estar mais criativo e inovador, no que diz respeito à diversidade de cursos, cada vez mais adaptados ao mercado de trabalho, desta forma devido ao constante progresso do mercado, é assim crucial uma adaptação, o mais expansiva permissível, atendendo às constantes mutações existentes.

CAPÍTULO II – PERSONALIDADE

1. Conceito de Personalidade

A personalidade trata-se de um construto da psicologia que sempre se distinguiu na área da Avaliação Psicológica, fundamento pelo qual tem sido origem de um enorme número de investigações e debates teóricos (Silva e Nakano, 2011).

O conceito personalidade diz respeito a modelos de conduta e atitudes que são típicas de um determinado indivíduo, desta forma os traços de personalidade difeririam de um sujeito para outro, sendo relativamente constante em cada indivíduo (Rebollo & Harris, 2006). Nesse sentido Allport (1966, cit. por Rebollo & Harris, 2006) caracteriza a personalidade como “a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam o seu comportamento e os seus pensamentos característicos”. Já de acordo com outros autores (Trentini, Hutz, Bandeira, Teixeira, Gonçalves e Thomazoni, 2009, cit. por Silva e Nakano, 2011), a personalidade aplicar-se-ia às características dos sujeitos, sendo única e caracterizando a partir de paradigmas estáveis de sentimentos, pensamentos e comportamentos.

Desde sempre, a análise da personalidade tem originado inúmeras hipóteses e classificações. Facilmente podemos reconhecer que as teorias da personalidade são muito diversificadas e que algumas delas acusam um real efeito no período em que são divulgadas. Desta forma, as actuais teóricas da personalidade beneficiam do avanço dos conhecimentos em psicologia.

Por sua vez, a ausência de unanimidade quanto ao número de dimensões da personalidade também se reconhece no que diz respeito às teorias, as quais reflectem, as percepções pessoais que os autores têm relativamente à liberdade e determinismo dos nossos comportamentos, da fonte das diferenças (inato ou adquirido) ou ainda do carácter holístico ou unitário da personalidade (Silva e Nakano, 2011).

Emboraas diferentes abordagens na investigação e na conceptualização da personalidade, consta ser consensual a presença de três elementos existentes na sua enunciação, sendo eles a personalidade revelar a singularidade do sujeito, trata-se de uma característica estável e duradoura e é determinada por energias ou tendências que estão presentes no indivíduo (Krahé, 1992). Apesar da personalidade se poder transformar ao longo da existência, a partir de resultados de estudos verifica-se que esta estabiliza a partir dos 30 anos (McCrae & Costa, 1997).

1.1. Evolução do Conceito segundo os Paradigmas da Psicologia

Como anteriormente mencionado, permanecem divergentes perspectivas relacionadas com a personalidade, particularmente a psicanalítica, a humanista ou fenomenológica, a perspectiva da aprendizagem, a cognitiva, a perspectiva das disposições e a psicobiológica.

A perspectiva psicanalítica, segundo Freud (1890, cit. por Hansenne, 2004) considera que a personalidade é representada por um conjunto de forças internas concorrentes e perpetuamente em conflito. A natureza humana é vista como resultante de conflitos internos entre essas diferentes forças, sendo elas o *Id* (as pulsões inconscientes e intuítos primitivos que ambicionam ser saciados no instante), o *Ego* (a instância que desempenha o lado racional e que procura regularizar os desejos primitivos do *Id* e as necessidades constituídas pelo *Superego*) e o *Superego* (as regras e doutrinas sociais impostas pelo mundo exterior).

O *Id* trata-se do primeiro elemento a desenvolver-se, encontra-se fora de todo o controlo consciente e encerra a base dos instintos da personalidade do sujeito, compreendendo a nossa energia sexual bem como as necessidades primárias de sobrevivência, como fome, sede e protecção

O *Eu* trata-se da organização coerente de processos psicológicos que se desenvolve independentemente do *Id* e que mantém um contacto permanente com a realidade através de mecanismos conscientes com vista a satisfazer as necessidades do *Id*. O *Eu* permite assim a adaptação da personalidade ao mundo exterior.

A terceira instância do aparelho psíquico trata-se do *Superego*, tratando-se da última instância da personalidade a desenvolver-se, constituindo uma representação interna das normas sociais e dos comportamentos, funcionando assim segundo princípios morais. A função principal é controlar os desejos do *Id*, dirigindo a energia psíquica num sentido oposto à satisfação dos desejos sexuais e agressivos.

Segundo o mesmo autor (Freud, 1964, cit. por Hansenne, 2004) elaborou a primeira teoria dinâmica da personalidade, denominada por Primeira Tópica, cuja disposição assenta em três elementos, o *Inconsciente*, o *Pré – consciente* e *Consciente*. O primeiro elemento abrange as pulsões e as recordações recalcadas, o segundo equivale a tudo o que poderia tornar-se consciente e o último representa os dados directamente alcançável sem qualquer trabalho psicológico. Segundo Freud, o inconsciente subjuga a vida psíquica e a ele apenas se acede através dos sonhos, dos lapsos e dos sintomas clínicos, igualmente constitui a sede das pulsões sexuais e agressivas.

Posteriormente, o mesmo autor elaborou a segunda tópica, constituída pelo *Id*, *Ego* e *Superego*, descrita anteriormente.

Freud (1962, cit. por Hansenne, 2004) considera que existem cinco fases no desenvolvimento da personalidade, a fase oral, a fase anal, a fase fálica, o período de latência e a fase genital, segundo este autor, a personalidade de base forma-se aos cinco anos. A relevância que estas fases têm na percepção da personalidade, revela-se no conceito da fixação, ou seja, um indivíduo pode permanecer numa das fases anteriormente referidas, devido às satisfações que se lhe associavam não terem sido saciadas de forma adequada.

Na primeira fase, que começa à nascença, a actividade psíquica do organismo focaliza-se na satisfação de necessidades da boca, desta forma foi possível delimitar dois tipos de personalidade que se encontram fixadas nesta fase, as personalidades ditas orais-receptivas e as orais – agressivas, as primeiras seriam tendencialmente dependentes dos outros, optimistas e confiantes, enquanto que as segundas seriam sarcásticas e agressivas.

A fixação na fase anal cria, de acordo com Freud (s.d., cit. por Hansenne, 2004), a personalidade anal-retentiva, caracterizada pelo adiamento da satisfação até ao último momento. Os sujeitos fixados nesta fase, são com frequência, organizados, avarentos e submissos, inversamente o autor descreve a personalidade anal-expulsiva, que caracteriza os indivíduos que reagem violentamente, quando são impedidos de realizar determinadas acções., sendo igualmente sádicos e agressivos.

Segue-se a fase fálica, que começa cerca dos quatro/cinco anos, esta constitui a base da identificação das crianças, determina igualmente a diferenciação sexual entre rapazes e raparigas e finalmente determina o desenvolvimento do *Supereu*. É durante esta fase que se instalam os mecanismos de defesa, que progressivamente permitem escapar aos desejos que de modo inconsciente, se lhe encontra associados. A má resolução desta fase leva o sujeito a comportar-se de forma desadequada na idade adulta. O homem que permanece fixado nesta fase, encontra-se envolvido numa vida sexualmente promíscua, de forma a satisfazer desejos sexuais que não teve ocasião de realizar em criança. O sujeito pode ainda, contrariamente, não possuir características masculinas suficientes, em virtude de uma má identificação ao pai. No caso da mulher, uma fixação nesta fase determina na vida adulta uma pior auto-estima e uma dificuldade de adequação à realidade, visto que o *Eu* não põe travar correctamente os desejos do *Id*.

A fase de latência, constitui a quarta fase, caracteriza-se pela ausência de dominância de zonas erógenas específicas e de qualquer acontecimento importante. Finalmente a fase genital, designa o período em que as pulsões sexuais são dirigidas para objectos externos aceitáveis e em que os indivíduos começam a gostar de outros por amor.

Para a perspectiva humanista ou fenomenológica (Rogers, s.d.; Maslow, 1962, cit. por Hansenne, 2004) , a experiência subjectiva do indivíduo é importante, rica em sentido e única. Os sujeitos são capazes de determinar o seu próprio destino, sendo livres de viver o que têm vontade de viver. O conceito de auto – actualização é central nesta perspectiva. Segundo Rogers (s.d., cit. por Hansenne, 2004), a personalidade desenvolve-se satisfatoriamente se o ambiente compreender três factores primordiais sendo a visão positiva o primeiro, onde cada sujeito procura naquilo que faz, um reconhecimento. O segundo factor corresponde à empatia, o indivíduo deve ser compreendido por aquilo que faz, sendo importante ter em consideração a sua apreciação. E finalmente o terceiro factor corresponde às boas relações interpessoais, que devem ser congruentes, duas pessoas implicadas numa relação devem experimentar o mesmo nível emocional, relativamente ao acontecimento que estão a julgar.

Na perspectiva da aprendizagem (Skinner, 1972; Rotter, 1954, cit. por Hansenne, 2004; Bandura, 1997), o carácter volúvel da natureza humana é primordial. O comportamento muda sem cessar em função das experiências de vida. Segundo esta perspectiva, a personalidade muda em função da aprendizagem do indivíduo.

Segundo Skinner, (cit. por Skinner, 2003), considera o ambiente determinante para a maioria das respostas que os sujeitos dão e que em função dos seus efeitos, as mesmas serão reproduzidas ou eliminadas. No primeiro caso, refere-se ao reforço positivo e o segundo ao reforço negativo, desta forma o autor defende que os sujeitos não são livres dos seus comportamentos, pois estes são função do ambiente.

Segundo o mesmo autor, refere a personalidade no sentido de diferenças comportamentais entre os sujeitos, constantes no tempo e isto para diversas situações, assim defende que a personalidade é determinada em exclusivo pelas experiências de vida. A personalidade é assim um reportório de comportamentos engendrados por um conjunto determinado de contingências. No quadro da psicologia da personalidade, o seu contributo é, todavia, restrito, pois limita a personalidade aos comportamentos, rejeitando a influência de factores genéticos e biológicos.

Segundo a perspectiva cognitiva (Kelly, Mischel, Beck, cit. por Hansenne, 2004), são os processos cognitivos que se encontram na base da personalidade. O postulado fundamental desta teoria reside no facto no facto de cada sujeito descodificar a realidade, que tenta compreender, explicar, antecipar e controlar o seu ambiente directo para a ele se adaptar o melhor possível.

Segundo Kelly (cit. por Kelly, 2005) considera que os processos cognitivos representam a característica dominante da personalidade, o postulado deste autor implica que

cada sujeito descodifique a realidade como um cientista intuitivo que tenta compreender, explicar, antecipar e controlar o seu ambiente directo. Desta forma cada indivíduo possui a sua própria leitura do mundo que o rodeia, em função dos seus construtos pessoais, são estes que levam a predizer e interpretar os acontecimentos do exterior. Desta forma, a personalidade trata-se de um conjunto de construtos próprios de cada sujeito.

Também Mischel (cit. por Hansenne, 2004) desenvolveu a sua teoria, colocando em questão a noção de traço e a de estabilidade dos comportamentos, que se lhe associa. A sua teoria, tenta explicar as diferenças individuais em função de variáveis cognitivas.

A perspectiva das disposições (Allport, 1937, Cattell, 1950, Eysenck, 1947, cit. por Hansenne, 2004) considera que o indivíduo é constituído por predisposições que se exprimem em diferentes situações, em função destas predisposições, os sujeitos respondem de uma certa maneira em diversas situações.

Allport (1937, cit. por Hansenne, 2004) foi o primeiro autor a utilizar o termo Traço de personalidade. Segundo Allport, o indivíduo é único em virtude de uma configuração específica de traços, todavia, o autor não pensa que seja limitador o número de traços, nem que todos os sujeitos os partilhem. Assim, a noção de traços é central na teoria deste autor, pois defende que trata-se da melhor unidade de análise da personalidade. Os traços constituem predisposições para se responder sempre do mesmo modo a diversos estímulos. No sujeito, os traços asseguram a estabilidade dos comportamentos ao longo do tempo e nas variadas situações da vida, influenciando fortemente a percepção dos acontecimentos.

Eysenck (cit. por Eysenck, 1994) foi um dos grandes psicólogos da personalidade do sec. XX, tendo sempre defendido a ideia da personalidade ser constituída por três dimensões fundamentais, concedendo apenas, uma atenção limitada aos outros modelos da personalidade, relativamente aos quais dizia tratarem-se de meras versões diferentes do seu. De facto, à semelhança de Cattell, o autor anteriormente referido utilizava a análise factorial como método estatístico para elaborar a sua teoria, sendo o principal elemento da sua teoria a organização hierárquica, distinguindo-se quatro níveis, os tipos, os traços, as respostas habituais e as respostas específicas

Finalmente para a perspectiva psicobiológica (Gray, 1970, Tellegen, 1985, Zuckerman, 1985, Cloninger, 1986 cit. Por Hansenne, 2004), a personalidade é profundamente determinada por factores genéticos e biológicos. O sujeito é, por um lado, geneticamente determinado para se comportar de uma maneira ou de outra, sendo que por outro lado, o sistema nervoso central e as hormonas exercem grande influência sobre a personalidade. Obviamente que esta perspectiva não exclui a influência do ambiente.

2. Teoria dos Cinco Factores

Dentro da perspectiva das disposições, um grande número de psicólogos da personalidade considera que as diferenças individuais podem determinar-se por cinco dimensões principais (Goldberg, 1981, Digman, 1990, John, 1990, Wiggina, 1996, cit. por Hansenne, 2004.), trata-se assim do modelo dos cinco factores (*Big Five*). Efectivamente, numerosos psicólogos consideram unânime a ideia de reduzir o número de dimensões da personalidade a cinco, os nomes destas dimensões ainda não são objecto de consenso.

Todavia, pode elaborar-se uma terminologia mais ou menos aceite pelo maior número de autores. O primeiro factor é, normalmente designado de *Neuroticismo* relacionado com a ansiedade, hostilidade, depressão, autoconsciência, impulsividade e vulnerabilidade. O segundo designa-se de *Extroversão*, relacionado com a assertividade, actividade, procura de excitação e emoções positivas. O terceiro é designado *Abertura à Experiência*, relacionado com o interesse pela arte, emoção, aventura, ideias fora do comum, imaginação, curiosidade e variedade de experiências. O quarto factor refere-se à *Agradabilidade* (é mais do que ser simpático ou afectuoso) trata-se da tendência para ser compassivo e cooperante, o inverso corresponde à Hostilidade. O último factor designa-se por *Conscienciosidade*, este factor corresponde à honestidade, à persistência e à planificação dos comportamentos: os sujeitos são escrupulosos, atentos e sérios.

Embora tenha existido um grande interesse e aceitação, no final do século XX, esta proposta tem apresentado algumas dúvidas e limitações. Uma das críticas apontadas ao modelo dos cinco factores, nomeadamente por Eysenck (1993, cit. por Lima & Simões, 2000) é a de que a taxinomia dos *Big Five* necessita de alguns componentes básicos, para ser ponderada como uma teoria científica. Em concordância com a crítica sub-praticada, Briggs (1992, cit. por Lima & Simões, 2000) expõe que um dos limites do modelo, proveniente do seu carácter atóxico, seria a falta de especificidade na descrição dos cinco factores, devido ao seu empirismo.

Na verdade, segundo Halverson (1994, cit. por Lima & Simões, 2000), só recentemente começaram a emergir tentativas de explicação teórica para as impressionantes regularidades empíricas e estatísticas encontradas (John, 1990; Buss, 1991; Wiggins & Trapnell, 1996, cit. por Lima & Simões, 2000).

Segundo McCrae e Costa (1985), esclareceram alguns dos fundamentos pelos quais consideram vantajoso investir no modelo dos Cinco Grandes Factores, sendo eles a capacidade de alcançar a percepção da personalidade através da análise sistemática de um conjunto de

traços significativos; tal investigação possibilitaria responder a questões amplas como: A personalidade modifica-se com o passar da idade?; Os traços de personalidade são herdáveis?

Desta forma, o modelo proporciona uma amplitude de traços razoáveis para envolver espectros de dimensões existentes em diversos instrumentos de personalidade. Por exemplo, alguns dos constructos de escalas individuais como a hostilidade, a raiva, a ansiedade são facetas de um traço de ordem superior chamado Neuroticismo.

3. Personalidade e Género

Segundo vários estudos (Eysenck & Eysenck, 1975; MacCrae & John, 1992; Anjos, 2011) revelam que as mulheres tendem a ter valores mais altos do que os homens no Neuroticismo e na Amabilidade. Igualmente outro estudo (Negredo, 2005) revela que as mulheres apresentam valores superiores aos homens no que diz respeito ao traço de Personalidade Neuroticismo, Amabilidade e Conscienciosidade.

Segundo Guida e Ludlow (1989) num estudo transcultural com 1690 alunos norte-americanos e chilenos foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, apresentando as últimas, valores mais elevados para o nível Neuroticismo, e posteriormente nas respectivas culturas, em que as mulheres apresentaram novamente valores mais elevados.

Segundo outro estudo (Rosa, 1998) revelou valores superiores e estatisticamente significativos para o género feminino no que respeita à dimensão Neuroticismo $F(1, 435) = 9,528, p = 0,002$.

Um estudo realizado com 135 estudantes universitários (Santos, Sisto & Martins, 2003) verificou-se resultados estatisticamente significativos, sugerindo que os diferentes géneros apresentam intensidades diferentes no que respeita ao traço Amabilidade ($t = -2.007; p = .047$), apresentando o género feminino valores mais elevados.

Segundo outro estudo, realizado em Espanha (Manga, Ramos & Morán, 2004) aplicando o NEO-FFI a 1136 sujeitos, concluiu-se que as diferenças entre géneros são altamente significativas para o Neuroticismo e para a Amabilidade, apresentando os homens valores mais baixos do que as mulheres.

4. Personalidade e Criatividade

Alguns psicólogos preferem descrever as características das pessoas criativas, e outros ainda salientam a importância das variáveis ambientais na manifestação da criatividade (Sternberg, 1995, cit. por Wolfradt & Pretz, 2001). Todas as abordagens contribuem para o entendimento do conceito complexo de criatividade como um todo.

Diversos investigadores (Amabile, 1983; Barron, 1968, 1969; Eysenck, 1993; Gough, 1979; MacKinnon 1965, cit. por Sternberg, 2005) notaram que determinados traços de personalidade caracterizam frequentemente pessoas criativas. Através de estudos e investigações correlacionais que contrastavam amostras de baixa e elevada criatividade, foi identificado um grande conjunto de traços potencialmente relevantes (Barry & Harrington, 1981, cit. por Sternberg, 2005). Estes traços incluíam capacidade crítica independente, autoconfiança, atracção à complexidade, orientação estética e tomada de decisão de correr riscos.

De acordo com Maslow (1968, cit. por Sternberg, 2005), o arrojo, a coragem, a liberdade, a espontaneidade, a auto-aceitação e outros traços levam o sujeito a aperceber-se do seu potencial por inteiro. Rogers (1954, cit. por Sternberg, 2005) descreveu a tendência para com a auto-actualização como tendo força motivacional e como sendo promovido por um ambiente apoiante e livre de avaliações.

Com o objectivo de descrever e avaliar todos os factores que participam no processocriativo, Urban e Jellen (1996) propuseram um modelo, que designaram por Modelo Componencial de Criatividade. Este modelo possui uma visão complexa e holística da criatividade, compreendida como a criação de um novo, raro e surpreendente resultado, como uma solução para um problema, cujas pressuposições foram sensivelmente percebidas. Como proposta, incorpora as dimensões da personalidade, e questiona a avaliação da criatividade tradicional, ao mesmo tempo que pretende mostrar quais são as diferentes áreas que têm de ser consideradas na avaliação do potencial criativo e/ou na promoção e educação para a criatividade (Urban & Jellen, 1996).

Os três componentes que representam as dimensões de personalidade são a Abertura e a Tolerância à Ambiguidade; a Motivação e os Motivos; a Concentração e o Empenho na Tarefa. A componente Abertura e Tolerância à Ambiguidade inclui itens como a abertura à experiência, a capacidade de correr riscos, a adaptação e resistência, o não conformismo, a descontração e o humor. A componente Motivação e os Motivos inclui itens como a necessidade de novidade, o bom humor, a curiosidade, a procura de conhecimento, a comunicação, a devoção, a auto-actualização, a necessidade de

controlo/instrumentalidade/utilidade/pragmatismo. Finalmente a componente Concentração e Empenho na Tarefa inclui itens como o foco no assunto, objecto ou produto, a selectividade, a determinação e persistência e concentração (Urban & Jellen 1996).

Inúmeros investigadores tentaram delinear um conjunto base de características de personalidade inerentes no indivíduo criativo, pois não se considerava que a criatividade fosse um traço normalmente distribuído (Nicholls, 1972, cit. por Alter, 2001).

A investigação descobriu que as pessoas criativas divergiam nos seus traços de personalidade da população normal. Os indivíduos criativos eram mais inteligentes, emocionalmente maduros, dominantes, emocionalmente sensíveis, aventureiros, não convencionais, radicais, auto-suficientes e estavam sujeitos aos padrões e controlo do grupo (Cross et al., 1967; Drevdahl & Cattell, 1958, cit. por Alter, 2001).

Também investigações anteriores já haviam encontrado algumas correlações consistentes entre características de personalidade e diferentes medidas de criatividade, segundo Feist (1998, cit. por Wolfradt & Pretz, 2001) realizou uma meta-análise da literatura e revelou que pessoas criativas tendem a ser mais autónoma, introvertidas, abertas a novas experiências, independentes, impulsionadas, ambiciosas, dominantes e hostis. Por outro lado, a Conscienciosidade, convencionalidade, e mente fechada foram relacionados negativamente à criatividade.

Sternberg e Lubart (1996) relataram que os indivíduos criativos partilham atributos de tolerância como a ambiguidade, a vontade para correr riscos e para ultrapassar obstáculos, capacidade de persistência e têm uma forte crença nas suas próprias convicções e em si próprios. MacKinnon (1962, cit. por Alter, 2001), como Sternberg e Lubart, descobriu que os indivíduos criativos possuíam os traços de tolerância com a ambiguidade e auto-estima, para além da receptividade, curiosidade, níveis elevados de energia, complexidade cognitiva e conflito de objectivos. Bachtold (1980, cit. por Alter, 2001) descobriu que o comportamento criativo é uma resposta de solução de problemas por parte de um indivíduo que é astuto, muito emocional, muito activo e extremamente introvertido.

Diversos estudos têm sido realizados sobre a relação das variáveis da personalidade para a criatividade. Uma variável que demonstra de forma consistente uma relação positiva com a criatividade é a abertura à experiência. De acordo com Costa e McCrae (1985, cit. por Wolfradt & Pretz, 2001) a abertura é caracterizada por uma vontade de experimentar novas ideias, para explorar, e de ser curioso sobre as próprias ideias interior e o mundo exterior. Num estudo mais aprofundado, (McCrae, 1993/94, cit. por Wolfradt & Pretz, 2001) relataram uma moderada correlação positiva entre abertura e interesses artísticos ($r = .53$; $p = .001$).

Outro estudo recente revelou uma forte evidência para uma relação positiva entre a abertura à experiência e os produtos criativos, (Soldz & Vaillant, 1999, cit.por Wolfradt & Pretz, 2001) encontraram que a abertura para experimentar, medido durante a faculdade, continua a ser o melhor preditor para a criatividade do curso de vida 45 anos mais tarde, por exemplo avaliados pelos produtos criativos e de realização.

Também uma investigação recente (Larach, 2009) utilizando o NEO-PI e o TCT-DP revelou uma correlação entre a Criatividade e Abertura à Experiência ($r=.36$; $p=.001$).

Outros resultados relacionados com Neuroticismo não revelam nenhuma relação com a criatividade (McCrae, 1987; Eysenck e Furnham, 1993; Martindale e Dailey, 1996, cit.por Wolfradt & Pretz, 2001).

Relativamente à Amabilidade, parece existir uma relação clara com a criatividade. Alguns investigadores sugeriram que as pessoas criativas têm uma perspectiva menos agradável, mais independentes e tendem a não colocar demasiada importância em conformidade social segundo Guncer e Oral (1993, cit. Wolfradt & Pretz, 2001). Outros estudos não encontraram nenhuma correlação significativa com o pensamento divergente (McCrae, 1987, cit.por Wolfradt & Pretz, 2001).

Segundo o autor acima referido, estudos concluíram que indivíduos conscientes são mais propensos a acompanhar, através de empresas criativas do que seus colegas menos responsáveis, assim encontrou uma forte correlação positiva entre consciência e criatividade.

Finalmente segundo um estudo realizado com estudantes universitários (Santos, Sisto & Martins, 2003), apresentaram como hipótese previa na sua investigação, uma correlação positiva entre o estilo cognitivo divergente e o traço de personalidade Abertura à Experiência. Tal foi comprovado, sendo a correlação mais alta encontrada ($r=.472$), no mesmo estudo foi também possível verificar que o traço Amabilidade revelou uma correlação negativa e significativa com o estilo cognitivo convergente, e positiva e significativa com o estilo divergente.

CAPÍTULO III – MOTIVAÇÃO

1. Conceito de Motivação

A Motivação trata-se da qualidade do organismo que actua na direcção (orientação para um propósito) da conduta, ou seja, trata-se de um impulso interno que leva à acção (Vernon, 1973).

Desta forma, a grande maioria das teorias parte da máxima de que a acção do ser humano é particularmente originada pela procura activa de situações positivas (prazer) e pela evitação de situações negativas (sofrimento). As teorias que afirmam que o Homem procura a homeostase, i.e., a estabilidade fomentada pela resolução de tensões internas (ex. Teorias das Pulsões).

Um conceito que influenciou o estudo da motivação foi a diferenciação entre *motivação intrínseca e extrínseca* (Sousa, 2012). Enquanto que a motivação intrínseca reporta-se à motivação originada por necessidades e fundamentos do sujeito, a motivação extrínseca gera-se por métodos de reforço e punição, relacionado com o condicionamento operante.

A teoria das pulsões mais explorada e mais preponderante é a Teoria Psicanalítica de Freud (s.d. cit. por Monteiro, Cruz, Almeida & Vasconcelos., 2010). Segundo esta, o ser humano possui duas pulsões básicas, *eros* (pulsão de vida, sexual) e *tânatos* (pulsão de morte, agressiva). Estas pulsões, estabelecidas pelo sistema biológico do sujeito, tratam-se da origem de toda a energia psíquica. Essa energia concentra-se no sujeito, gerando tensão e exigindo ser libertada. Com a tarefa de conduzir a descarga dessa energia, o mecanismo psíquico é beneficiado de três estruturas, sendo elas o *Id*, *Ego* e *Superego* que regulam essa libertação de acordo com distintas normas, permitindo assim diferentes tipos de conduta que podem auxiliar a mesma função de descarregar a tensão.

Uma outra teoria igualmente importante é a da corrente comportamental, esta empenhou-se particularmente ao estudo dos métodos essenciais de aprendizagem (condicionamento) i.e., de como, com o auxílio de reforços e punições, um indivíduo é capaz de assimilar determinado comportamento (condicionamento operante). A questão fulcral é que o condicionamento operante não é adequado para compreender o que move o sujeito a realizar o acto aprendido (Skinner, 2002).

Clark Hull (s.d., cit. por Skinner, 2002) propôs que a propensão para um determinado comportamento trata-se do resultado do hábito, i.e., do que foi aprendido por condicionamento e das pulsões e designou-as como a parte motivacional (energética) das necessidades biológicas.

Skinner (s.d. cit. por Skinner, 2003), apresentou também um paradigma da motivação fundamentado unicamente no condicionamento, sem recurso ao conceito de

pulsão. Segundo este autor, a frequência de uma conduta é estabelecida pelas suas consequências, isto é um comportamento que conduz a consequências positivas será repetido com mais frequência, e outro que acompanha efeitos negativos será mostrado mais raramente.

No início do século XX a motivação adquiriu maior interesse devido em parte aos esforços de William McDougall (s.d., cit. por Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2007), permitindo assim que a motivação ganhe-se um espaço importante na psicologia. McDougall (s.d., Gleitman et al, 2007), designava os *motivos instintos*, que para este autor tratavam-se de um processo biológico inato que predispunha o organismo a analisar estímulos particulares que respondiam a movimentos de aproximação ou prevenção.

Desta forma, o processo da motivação é realizado através das emoções de um sujeito junto da sociedade. Este construto foi introduzido na sociedade através de necessidades tanto fisiológicas quanto psicológicas, gerando no fim a satisfação do indivíduo (Gleitman et al, 2007).

2. Teorias da Motivação

Uma das teorias mais importantes é a Teoria de McClelland (s.d., cit. por McClelland, 1987), esta orienta-se para o que motiva a conduta do sujeito, enfatizando a percepção dos factores internos dos indivíduos que contribuem para que estes se comportem de determinada forma. Opõe-se desta forma, às Teorias de Processo, pois estas visam responder à questão “como” os sujeitos são motivados e enfrentam as necessidades internas como sendo apenas um componente do sistema motivacional que induz os indivíduos a reconhecerem determinados comportamentos. O conteúdo desta teoria reside nos motivos, i.e., na predisposição singular interiorizada pelos sujeitos, através do processo de socialização, que se organizam sob uma forma hierárquica, e que caracterizam uma determinada direcção ao comportamento.

Segundo esta teoria, os três tipos de necessidades motivacionais são a Motivação para a Realização, que caracteriza um interesse em realizar as tarefas melhor, ultrapassando os modelos de excelência, a Motivação para o Poder, representa um empenho recorrente em possuir impacto sobre as outras pessoas. A uma distinta motivação para o poder encontram-se agregadas acções competitivas e assertivas, assim como, o interesse em conseguir e manter prestígio e consideração. Finalmente a Motivação para a Afiliação, trata-se do interesse em determinar, suportar ou reconstituir um relacionamento afectivo positivo com outros sujeitos.

Assim, esta teoria baseia-se numa fusão de características, onde por vezes existe enviesamento para uma necessidade motivacional particular conforme a combinação no impacto do comportamento. Os indivíduos motivados para a realização possuem as seguintes características: as realizações são mais importantes que as recompensas materiais ou financeiras, é fulcral a satisfação pessoal ao atingir determinados objectivos, as recompensas financeiras não se tratam de um fim, mas de uma medida de sucesso, procuram constante melhorar, é fulcral o *feedback*, devido ao facto de muitas vezes permitir medir o sucesso, sendo por isso essencial e preferem trabalhos que satisfaçam as suas necessidades.

A Teoria da Auto-Eficácia de Bandura (2005), baseada numa perspectiva cognitiva, foca-se no papel das percepções de eficácia. A Auto-Eficácia pode ser descrita como a segurança dos sujeitos na sua aptidão para executar e dirigir uma acção, para determinar e resolver um determinado problema ou cumprir uma tarefa. O julgamento de um indivíduo sobre as suas competências para atingir certos propósitos incute muito o seu comportamento. Conquanto forneça boas justificações para a *performance* dos sujeitos em distintas tarefas, não dão explicações sobre os fundamentos, razões que levam os indivíduos a envolverem-se nelas.

Assim, Bandura (2005) distingue dois tipos de crenças de expectativas: as expectativas de resultados, tratam-se de crenças de que certos comportamentos levam a determinados resultados, e as expectativas de eficácia, tratam-se de crenças sobre se um sujeito pode executar os procedimentos essenciais para produzir o produto. Estes dois tipos de crenças são diferentes porque os indivíduos admitem que um certo comportamento leva a um determinado resultado, mas podem não acreditar que eles conseguem realizar esse comportamento, a eficácia dos indivíduos é o principal determinante da definição de objectivos, a actividade escolhida, a vontade de despende esforço e persistência

A Teoria da Auto-Determinação de Deci & Ryan (1985; 2000) engloba duas perspectivas da motivação humana, os indivíduos são motivados para manter um nível óptimo de estimulação e que os sujeitos possuem necessidades básicas de aptidões pessoais e de causalidade ou auto-determinação. Estes autores referiram que a motivação intrínseca é garantida apenas quando os indivíduos se sentem habilitados e auto-determinados. As necessidades elementares de competência e de auto-determinação desempenham um papel na conduta motivada extrinsecamente. Segundo os autores anteriormente referidos, acrescentaram na sua dicotomia de motivação extrínseca/intrínseca a sua discussão de internalização, ou seja, o sistema de transferência da regulação do comportamento de fora

para dentro do indivíduo. Quando os indivíduos são auto-determinados, as suas razões para a participação na conduta são inteiramente interiorizados.

A Motivação Intrínseca trata-se de um protótipo de uma acção auto-determinada. Contudo isto não constitui que as regulamentações extrínsecas tornam-se mais internalizadas, elas transformam-se sim em motivação intrínseca. O método de internalização é fulcral no âmbito de progresso, assim como valores sociais e as regulações estão constantemente a ser internalizados durante o ciclo de existência.

Por sua vez, a Motivação Extrínseca, através da regulação externa possibilita que os comportamentos são produzidos a com a finalidade de satisfazer uma investigação externa ou obter uma recompensa contingência imposta externamente.

A Teoria da Atribuição de Causalidade de Weiner (1992), defende que os indivíduos pretendem encontrar e compreender as causas dos acontecimentos. A atribuição de modelos inclui crenças e expectativas sobre a aptidão para o sucesso, concomitantemente com os incentivos para a participação em diferentes actividades, incluindo a valorização da conquista. Segundo esta teoria as interpretações de sucesso dos indivíduos têm um desfecho, em vez de disposições motivacionais ou os desfechos actuais, determinam as subseqüentes conquistas. O autor anteriormente referido argumentou que as atribuições causais dos indivíduos para a produção de resultados que determinam uma realização posterior são portanto crenças motivacionais fundamentais. Wiener (1992) identificou quatro categorias fulcrais nesta teoria, sendo elas a capacidade, onde se identificam fundamentais indicadores como a consistência de uma sequência de resultados, informação de produtos e inferências acerca da dificuldade da tarefa, a segunda categoria trata-se do esforço, utilizado em função do padrão sequencial de realização. A terceira categoria trata-se da dificuldade da tarefa, normalmente usada em função da dificuldade objectiva da função e dos resultados obtidos por terceiros nesta tarefa e finalmente, a quarta categoria trata-se da sorte, inferida a partir de indicadores como as características objectivas da tarefa e a independência ou carácter aleatório dos resultados obtidos.

O mesmo autor defende também três dimensões causais o Locus de Causalidade por oposição à dimensão da personalidade o *locus de controlo* é tomado como uma característica estável na medida em que um sujeito acredita que o resultado de uma experiência está sob o seu controlo pessoal. A segunda dimensão trata-se da Estabilidade, refere-se à dimensão temporal de uma causa, relativamente constante no tempo ou variável finalmente o Controlo que diz respeito à possível alteração ou controlo que o sujeito pode exercer sobre uma causa, sendo relativamente controlável ou incontrolável. Um aspecto essencial neste modelo diz

respeito às consequências psicológicas (afectivas e cognitivas) e comportamentais da atribuição causal, associadas ao modo como os sujeitos identificam as causas e as processam como estáveis ou instáveis, internas ou externas e controláveis ou incontroláveis, estando cada uma das dimensões associadas com uma determinada consequência psicológica.

A Teoria Actual Expectativa X Valor (Eccles & Wigfield, 2002), sustenta que as expectativas e os valores são assumidos para influenciar directamente o desempenho, a perseverança e a selecção da tarefa. As expectativas e os valores são influenciados por persuasões específicas à tarefa, tal como a percepção de competência, a percepção da dificuldade de diferentes funções, e as metas dos indivíduos. Estas variáveis cognitivas sociais, por sua vez, são influenciadas pela percepção dos indivíduos das atitudes e as expectativas dos outros para com eles, pela sua memória afectiva, e pelas suas próprias interpretações dos seus resultados anteriores.

As expectativas de sucesso podem ser definidas como as convicções dos indivíduos sobre a forma como eles irão fazer bem a próxima missão, quer no imediato ou a longo termo. Estas crenças de expectativa são medidas de um modo análogo às medidas de Bandura de eficácia das expectativas pessoais. Assim, o foco neste modelo é na expectativa pessoal ou de eficácia, e as crenças acerca da aptidão dos indivíduos efectuarem avaliações das suas competências em diferentes áreas. Eccles & Wigfield (2002) delinearam quatro componentes da tarefa de valor, o valor pelo Interesse, o prazer que o individuo tem em realizar uma tarefa ou o interesse subjectivo que tem no assunto, este componente é similar ao constructo da motivação intrínseca definida por Deci & Ryan (2000).

O valor pela Utilidade determinado pela forma como uma tarefa diz respeito às actuais e futuras metas, tais como as metas de carreira. Uma tarefa pode ter valor positivo para um indivíduo porque facilita assim atingir futuras metas importantes, mesmo se o sujeito não se encontrar interessado na tarefa. Este componente captura a razão mais extrínseca para exercer uma tarefa, o valor pela Realização, a importância pessoal de realizar correctamente a tarefa e finalmente os custos (psicológicos, financeiros, esforço e perda de oportunidades). O Custo é concebido em termos dos aspectos negativos de se envolver na tarefa, tais como ansiedade de desempenho e medo de fracasso e sucesso, bem como o volume dos esforços necessários para ter sucesso e as oportunidades perdidas que resultam de fazer uma escolha em vez de outra.

3. Motivação para Prática Deliberada

A motivação para a prática deliberada enquadra-se na investigação da motivação conduzida por um extenso grupo de investigadores principalmente a partir do final do século XX (Dweck & Leggett, 1988; Elliot & Harackiewicz, 1996; Vallerand & Bissonnette, 1992, cit. por Monteiro et al., 2010). Os estudos têm evidenciado a presença de dois tipos de metas ou propósitos que dirigem os sujeitos nas tarefas, sendo elas as metas de aprendizagem, comparados com uma orientação dirigida para o envolvimento com a aprendizagem, com o saber e com o progresso de aptidões de mestria e os objectivos orientados para o desempenho, onde o indivíduo procura principalmente conquistar bons desempenhos ou resultados (Dweck & Leggett, 1988).

Posteriormente, este paradigma dicotómico dos objectivos viria a ser redimensionado no modelo “2x2” com finalidade na realização, compreendendo uniformemente propósitos determinados pela estimativa de situações positivas e pelo evitamento de condições negativas (Elliot & Harackiewicz, 1996).

4. Motivação e Género

Recentemente nas investigações relacionadas com a prática deliberada, despontou o interesse pelo efeito que o género poderia ter, ao explicar a variação no desempenho. Hodges e col.(2004) demonstraram que o género, no caso de tarefas cognitivas, não revela diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, e afirma que a prática deliberada trata-se do determinante principal de desempenho.

Segundo um estudo realizado por De Bruin e col. (2008) verificaram que o género tem um efeito relativamente pequeno sobre o desempenho na prática deliberada, porém foram encontrados valores superiores de prática deliberada no género masculino.

5. Motivação e Ensino

As transformações analisadas no Ensino Superior Português ao longo dos últimos anos, apresentadas principalmente através do ingresso generalizado dos estudantes ao ensino superior, têm-se verificado num conjunto de diferentes desafios e particularmente de recentes requisitos, nos domínios individual, universitário e social (Almeida & Vasconcelos, 2008; Soares, 2003). A recepção de estudantes que precedentemente não teriam possibilidades sócio-económicas de aderir a um grau superior na sua formação, igualmente como a capacidade cada vez mais proporcionada a profissionais introduzidos já no mundo de trabalho

de retomarem os seus estudos com a finalidade de finalizarem um curso superior, inseriram assim fortes disparidades sociais, motivacionais e intelectuais na população de estudantes (Osório & Cruz, 2012).

Neste sentido, é fulcral valorizar as diferenças pessoais e em específico os desempenhos superiores. Assim, e como faceta mais colateral às diversas abordagens da motivação em contexto académico, é possível constatar que a motivação encontra-se associada a patamares superiores de envolvimento nas funções, o que, se tem relacionado com uma aprendizagem e desempenho universitário. Por sua vez, e para se perceber esta relação entre a motivação e o desempenho académico, é fulcral não dar apenas importância à “quantidade,” mas igualmente à “qualidade” da motivação, visto que diversos subtipos de motivação têm sido correlacionados a divergentes tipos de alunos e a distintos níveis de desempenho académico (Monteiro et al, 2010).

6. Motivação e Criatividade

Vários autores focalizaram-se na motivação para a criatividade e colocaram a hipótese da relevância da motivação intrínseca (Amabile, 1983; Crutchfield, 1962; Golann, 1962, cit. por Sternberg, 2005), necessidade de ordem (Barron, 1963, cit Sternberg, 2005) e a necessidade de ser bem-sucedido (McClelland, Atkinson, Clark, & Lowell, 1953, cit. por Sternberg, 2005),

Assim a motivação trata-se de outro traço referido pelos indivíduos altamente criativos e que é fulcral para o processo criativo (Davis, 1995; Delias & Gaier, 1971; Feldhusen, 1995; Martindale, 1989, cit. por Alter, 2001). Estes sujeitos são igualmente distinguidos pela dedicação plena ao seu trabalho e preferem executar esse trabalho acima de qualquer outra coisa (Roe, 1952, cit. por Alter, 2001).

A teoria das necessidades de Henry Murray (1938, cit. por Alter, 2001) da personalidade proporciona uma moldura para o estudo dos aspectos motivacionais das características da personalidade. Segundo este autor, é imprescindível alguma criatividade para a acomodação a novas situações. Sem esta aptidão, a personalidade não pode desenvolver-se normalmente.

Existe uma identificação do pensamento convergente com o pensamento lógico e o raciocínio. Indivíduos com essa dimensão acentuada são hábeis em lidar com problemas que requerem uma clara resposta convencional (uma solução correcta), com base nas informações fornecidas. Desta forma, estes sujeitos são interditos emocionalmente e reconhecidos como

mais conformistas, disciplinados e conservadores. O pensamento divergente encontra-se associado à criatividade, a respostas imaginativas, originais e fluentes. Os indivíduos com essa predominância optam por problemas informais, são competentes em resolver problemas que procuram a generalização de várias respostas igualmente aceitáveis. Socialmente são considerados irritadiços, disruptivos e até ameaçadores (Bariani, 1998; Bariani, Sisto & Santos, 2000, cit. por Santos et al, 2003).

Assim, é possível reconhecer que a criatividade encontra-se relacionada com características do pensamento criativo (fluência, agilidade, originalidade), factores associados a traços de personalidade (abertura a novas experiências, curiosidade, coragem de correr riscos) e características de produto criativo (inovação, abundância de pormenores) (Renzulli, 1997 cit. por Chagas & Fleith, 2009), bem como com a motivação (Santos et al, 2003). Porém a criatividade não pode ser atribuída exclusivamente a um conjunto de habilidades e traços de personalidade do sujeito, mas também sofre a influência de elementos do ambiente onde esse individuo se encontra inserido (Hennessey & Amabile, 1988, cit. por Alencar, 2003).

Entre outras características, a motivação e a determinação parecem ser igualmente importantes para a criatividade, sendo assim necessária uma confluência de múltiplas componentes na manifestação do desempenho criativo (Amabile, 1996; Gardner, 1993; Sternberg & Lubart, 1995).

CAPÍTULO IV – OBJECTIVOS DO ESTUDO

1. Objectivo Geral

A presente investigação tem como objectivo geral, analisar a relação entre a criatividade, a personalidade e motivação nos estudantes do curso de Psicologia.

2. Objectivos Específicos

Relativamente aos objectivos específicos, esta investigação pretende investigar as relações existentes entre as variáveis sociodemográficas, nomeadamente o género, a idade, as habilitações literárias, o nível sócio-económico e a posição na fratria e as variáveis Criatividade, Personalidade e Motivação, verificando se existem diferenças estatisticamente significativas.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO V – METODOLOGIA

1. Amostra

O presente estudo contou com a participação de 176 estudantes universitários do curso de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, referentes ao primeiro e segundo ano do 1º ciclo (Licenciatura) e do primeiro ano do 2º ciclo (Mestrado), sendo 39 do género masculino (22,2 %) e 137 do género feminino (77,8 %).

As idades encontram-se compreendidas entre 18 e entre 52 anos ($M = 25,05$; $DP = 6,8$), tendo posteriormente sido reagrupados em dois grupos, idades compreendida entre 18 e 24 e superior a 24 anos.

Neste estudo participaram 31 alunos do 1º ano do 1º ciclo (17,6%), 38 alunos do 2º ano do 1º ciclo (21,6%) e 107 alunos do 1º ano do 2º ciclo, encontrando-se divididos em cinco grupos: Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias com 44 alunos (25,0%), Mestrado em Psicologia da Educação com 14 alunos (8,0%), Mestrado em Psicologia do Trabalho em Contextos Internacionais e Interculturais com 19 alunos (10,8%), Mestrado em Psicologia Forense e Inclusão Social com 17 alunos (9,7%) e finalmente Mestrado em Neuropsicologia com 13 alunos (7,4%).

Quanto ao estado civil, os indivíduos solteiros são 153 (86,9%), os indivíduos casados ou em união de facto são 21 (11,9%) e os indivíduos divorciados são 2 (1,1%) não se registando sujeitos viúvos. Posteriormente foram agrupados os sujeitos solteiros e divorciados, devido ao número reduzido registado de sujeitos divorciados neste estudo.

Em relação aos dados escolares, 88 alunos já reprovaram (50,0%) e 88 alunos nunca reprovaram (50,0%). Quanto ao facto de exercerem uma profissão, 66 alunos são trabalhadores (37,5%) e 110 não têm actividade laboral (62,5%). Relativamente a possuírem hobbies, 55 alunos não revelam possuir hobbies (34,2%) e 106 alunos possuem hobbies (65,8%), sendo estes agrupados em Actividade Desportiva, Actividade Artística, Actividade Laser e outros.

Quanto ao nível sócio-económico, 33 alunos encontram-se no nível Superior I (19,8%), 52, no nível Médio II (31,1%), 75 no nível Inferior Alto III, (44,9%) e finalmente 7 encontram-se no nível Inferior Baixo IV (4,2%), tendo posteriormente sido organizados em nível Superior, Médio e Inferior, agrupando-se desta forma o nível Inferior Alto e o nível Inferior Baixo num único grupo (Nunes, A. & Miranda, J., s.d.)

Por fim, em relação aos dados familiares, 89 alunos vivem com os pais (50,9%), 18 alunos vivem com amigos (10,3%), 17 alunos vivem sozinhos (9,7%) e 51 alunos apresentam outro tipo de coabitação (29,1%). Em relação à posição na fratria, 89 alunos são primogénitos

ou únicos filhos (52,7%), 22 alunos são filhos do meio (13,0%) e 58 são filhos mais novos (34,3%). Neste estudo não houve qualquer critério de exclusão. A Tabela 1 apresenta os dados de caracterização sociodemográfica dos indivíduos incluídos no estudo por género.

Tabela 1. Caracterização da amostra por géneros

	Género			
	Masculino		Feminino	
	(N=39)		(N=137)	
	N	%	N	%
Estado civil				
Solteiro / Divorciado	36	23.2	119	76.8
Casado / União de Facto	3	14.3	18	85.7
Habilitações Literárias				
Licenciaturas	16	23.2	533	76.88
Mestrados	23	21.5	84	78.5
Situação Profissional				
Trabalha	19	28.8	47	71.2
Não trabalha	20	18.2	90	81.8
Hobbies				
Actividade Desportiva	15	35.7	27	64.3
Actividade Artística	6	28.6	15	71.4
Actividade Lazer	9	29.0	22	71.0
Outros	1	16.7	5	83.3
Nível Socio-económico				
Superior	12	36.4	21	63.6
Médio	11	21.2	41	78.8
Inferior	15	18.3	67	81.7
Coabitação				
Pais	25	28.1	64	71.9
Amigos	2	11.1	16	88.9
Sozinho	4	23.5	13	76.5
Outros	8	15.7	43	84.3
Posição na Fratria				
1º filho / filho único	17	19.1	72	80.9

Filho do meio	7	31.8	15	68.2
Último filho	12	20.7	46	79.3

* $p > .05$

É possível assim constatar que a maioria dos participantes eram solteiros, estudantes de Mestrado e não trabalhadores, com hobbies preferencialmente na actividade desportiva, um nível socioeconómico inferior, coabitando com os progenitores e sendo filhos únicos ou primogénitos.

Os participantes neste estudo constituem uma amostra de conveniência, tendo a recolha sido feita no local acima mencionado.

2. Instrumentos

2.1. Test for Creative Thinking-Drawing Production (TCT-DP)

O TCT-DP (Test for Creative Thinking-Drawing Production) (Urban & Jellen, 1996) procura medir de forma holística a criatividade dos indivíduos a partir de figuras inacabadas, pretendendo avaliar dimensões cognitivas e de personalidade, como a afectividade, o humor, a predisposição para arriscar e a quebra de fronteiras impostas.

Este teste é composto por uma folha A4 constituída por seis fragmentos, que os sujeitos deverão completar, após ser dada a seguinte instrução: “ À vossa frente encontra-se um desenho incompleto. O artista que estava a realizá-lo foi interrompido antes mesmo de saber o que iria fazer, como tal peço-vos que terminem este desenho, tudo o que fizerem estará correcto. Apenas podem usar um lápis ou uma caneta”, sendo posteriormente solicitado ao sujeito que dê um título ao seu desenho (Anexo I).

Este teste avalia 14 critérios, nomeadamente Continuações (Cn) - qualquer continuação, extensão ou uso dos seis fragmentos apresentados; Completações (Cm) - qualquer complemento, ampliação, adição ou suplemento dado aos fragmentos dados, usados, ou continuados; Novos Elementos (Ne) - qualquer nova figura, elemento ou símbolo; Ligações feitas com Linhas (Cl) - conexões entre qualquer dos fragmentos e/ou novos elementos; Ligações para um Tema (Cth) - conexões efectuadas que contribuem para a composição de um tema; Quebra do Limite Dependente do Fragmento (Bfd) - qualquer uso, continuação ou extensão do pequeno quadrado situado dos limites da moldura ou grande quadrado; Quebra do Limite Independente do Fragmento (Bfi) - qualquer rompimento ou

continuação da figura, que ultrapasse os limites da moldura ou grande quadrado; Perspectiva (Pe) - qualquer tentativa de romper as duas dimensões com intenção de perspectiva; Humor e afectividade (Hu) - qualquer resposta de humor, que sugira afecto, emoção ou um forte poder expressivo; Não Convencionalidade A (UcA) - qualquer rotação ou manipulação da folha; Não Convencionalidade B (UcB) - criação de elementos surrealistas, abstractos ou ficcionais; Não Convencionalidade C (UcC) - qualquer uso de símbolos, sinais ou signos; Não Convencionalidade D (UcD); utilização não-estereotipada ou não convencional dos fragmentos e Rapidez (Sp) - tempo utilizado para a produção do desenho (Urban & Jellen, 1996).

Para a cotação do teste é necessário um estudo detalhado das instruções e bastante treino a partir dos exemplos existentes no manual do teste. A cotação de cada folha é realizada individualmente, atribuindo-se uma pontuação, entre zero e seis pontos, no máximo de seis por critério, com excepção dos critérios: Não Convencional A, Não Convencional B, Não Convencional C e Não Convencional D, aos quais se atribui o máximo de três pontos. Finalmente se ao longo do teste, o sujeito apresentar uma soma de 25 pontos nos 13 critérios, soma-se de 1 a 6 pontos consoante o tempo que o sujeito demorou a realizar o desenho, sendo este o último critério, o da Rapidez.

A classificação final do teste é o resultado do somatório dos pontos atribuídos a cada um dos critérios mencionados, sendo o valor máximo e total 72 pontos.

Relativamente às suas qualidades psicométricas, quanto à validade, a análise factorial de componentes, realizada originalmente nas Formas A e B pelos próprios autores foram encontrados seis factores: I – Utilização de fragmentos directos - Continuações e Completações; II – Composição – Ligações feitas com Linhas e Ligações para um Tema; III Perspectiva e Velocidade; IV – Não Convencional e Humor na Forma A; V – Não Convencional e Humor na forma B; e VI – Novos Elementos, Quebra do Limite Dependente e Independente (Urban e Jellen 1996).

Estudos realizados no nosso país revelam uma estrutura factorial de quatro factores, apresentando um valor de KMO de .64 (Almeida & Ibérico Nogueira, 2008) bem como outros estudos dos mesmos autores revelam um valor de KMO de .75; teste de Esfericidade de Bartlett .000 (Almeida & Ibérico Nogueira, 2010).

Em relação à consistência interna, estudos desenvolvidos por Urban e Jellen (1996) revelaram boas qualidades do instrumento. Na maioria dos estudos, realizados em amostras de dimensões maiores e menores, foram encontrados valores de *alpha de Cronbach* de .87. A fidelidade de pontuação e a fidelidade inter-itens obtiveram uma correlação elevada. Os

autores obtiveram um coeficiente de Pearson de .95 para avaliadores treinados. O teste-reteste apresentou um valor de .46.

Um outro estudo realizado por Almeida e Ibérico Nogueira (2009), com uma amostra de 111 missionários americanos, com idade média de 20,4 anos, revelou um índice de consistência interna adequado (*alpha de Cronbach* = .692).

Comparativamente com estudos realizados em Portugal, quanto à consistência interna apresenta um *alpha de Cronbach* de .82 para a forma A (Almeida & Ibérico Nogueira, 2006), noutro estudo apresenta um *alpha de Cronbach* de .75 (Almeida & Ibérico Nogueira, 2010), bem como noutro estudo apresenta um valor no *alpha de Cronbach* de .65 (Ibérico Nogueira, Frango & Almeida, 2011).

2.2. Questionário de Motivação para Prática Deliberada

O questionário de Motivação para a Prática Deliberada em contexto académico trata-se de uma adaptação ainda em estudo (Monteiro et al, 2010) a partir da versão original Deliberate Practice Motivation Questionnaire - DPMQ (De Bruin, Rikers & Schmidt, 2007).

O questionário originalmente é constituído por duas subescalas: Vontade de ser excelente, composta por 18 itens, e Competição, com 5 itens.

Na adaptação do questionário foram retirados dois itens e acrescentados outros quatro, sendo no total constituído por 21 itens (Monteiro et al, 2010). Neste processo inicial de adaptação, apenas é utilizada a sub-escala “vontade de ser excelente”,

A resposta aos itens do questionário é feita numa escala de tipo Lickert, de 1 a 5, em que 1 indica que o sujeito discorda totalmente com a afirmação e 5 indica que o sujeito concorda totalmente com a afirmação (Anexo II).

Uma análise factorial exploratória e inicial recorrendo ao método dos componentes principais revelou a presença de seis factores que, no seu conjunto, explicam 60.14% da variância total. O primeiro factor explica 29.58% da variância, os restantes factores explicam 8.32% e 4.97% da variância (Monteiro et al, 2010).

Em relação às qualidades psicométricas no estudo português, quanto à fidelidade, o valor de *alpha de Cronbach* total é de .72 para a dimensão Mestria/ Aperfeiçoamento e .70 para a dimensão Realização Pessoal, e finalmente de .76 na escala total, apresentando assim uma consistência razoável (Monteiro et al, 2010). A primeira dimensão é constituída pelos itens 17, 9, 20, 19 e 3 e a segunda dimensão é constituída pelos itens 12, 18, 5, 4 e 6. Estas duas dimensões explicam 47.71% da variância, tendo os autores portugueses que se encontram

envolvidos nesta adaptação escolhido apenas estas duas dimensões para avaliar a Motivação para a prática deliberada.

Este teste ainda se encontra em fase de adaptação e validação no nosso país.

2.3. NEO Five-Factor Inventory - NEO-FFI

O NEO Five-Factor Inventory (versão portuguesa Lima & Simões, 2000) trata-se de um inventário proveniente do modelo Big Five. Os cinco factores são o *Neuroticismo* (N), a *Extroversão* (E), a *Abertura à Experiência* (O), a *Amabilidade* (A), e a *Conscienciosidade* (C). O modelo Big Five proveio principalmente da abordagem lexical para o estudo da personalidade (John, 1990; McCrae & John, 1992, cit. Lima & Simões, 2000). Estes últimos autores também desenvolveram uma forma abreviada do NEO-PI: o NEO-FFI (Five Factor Inventory, Costa & McCrae, 1992). O NEO-FFI compreende apenas 60 itens derivados de uma análise factorial sobre os scores do NEO-PI, encontrando-se agrupados nas cinco sub-escalas, cada uma com 12 itens. Assim, o NEO-FFI foi desenvolvido para fornecer uma medida concisa dos cinco factores de personalidade básica.

A resposta aos itens do inventário é feita numa escala de tipo Lickert, de 0 a 4, em que 0 indica que o sujeito discorda fortemente com a afirmação, 1 discorda, 2 coloca-se numa posição neutra face à afirmação, 3 o sujeito concorda com a afirmação e por fim 4 o sujeito concorda fortemente com a afirmação. A cotação é obtida através da soma dos itens de cada domínio (Anexo III).

Em relação às qualidade psicométricas, no que concerne à fidelidade, as escalas do NEO-FFI apresentam correlações de .75 a .89 com os factores do NEO-PI, revelando uma consistência interna entre .74 a .89 na amostra original Americana. Um estudo realizado em Espanha revelou uma consistência interna entre .71 a .82 para os cinco factores, e de .56 a .81, na amostra portuguesa (Lima, 2002)

No que diz respeito à validade do instrumento, diversos estudos têm confirmado a relação entre inúmeras variáveis e os domínios do NEO, assim como o poder preditivo das suas escalas (Costa & McCrae, 1999), tendo em conta uma variedade de critérios externos, tais como o bem-estar psicológico, os traços interpessoais ou o pensamento divergente.

2.4. Questionário de Dados Sociodemográfico

O protocolo de investigação é constituído por um questionário de dados sócio demográficos constituído por três partes, na primeira parte é solicitado aos participantes informações relativas aos dados biográficos, designadamente, o género, a data de nascimento, o estado civil e a nacionalidade; a segunda parte é referente aos dados profissionais, onde os indivíduos são questionados sobre o número de anos completos na sua escolaridade, anos que reprovaram, actividade laboral e hobbies, sendo estes posteriormente sub divididos em actividade desportiva, actividade artística, actividade de lazer e outros. Finalmente, na terceira parte, é solicitada informação referente aos dados familiares, especificamente profissão e habilitações literárias dos progenitores, para desta forma ser possível concluir o nível sócio-económico, coabitação(pais, sozinho, amigos, outros) e posição na fratria (Apêndice I).

3. Procedimento

Para a realização do estudo foi solicitado um pedido de autorização ao Director da Faculdade de Psicologia da ULHT.

Após obter a autorização, os dados foram recolhidos de forma colectiva e em regime de voluntariado aos estudantes de Psicologia, durante um tempo lectivo cedido pelos docentes das disciplinas e em horários previamente acordados, sendo administrado aos estudantes um protocolo de investigação constituído por quatro instrumentos, especificamente, um questionário de caracterização sociodemográfica, um teste figurativo para avaliar a Criatividade (TCT-DP, Urban & Jellen, 1996), um questionário de Motivação de Prática Deliberada (Monteiro et al, 2010) e um teste para avaliar a Personalidade - NEO-FFI (Lima & Simões, 2000).

Antes de iniciarem o preenchimento dos protocolos, os participantes foram previamente informados sobre o objectivo da investigação e o carácter anónimo e confidencial dos dados, bem como da sua participação voluntária e a utilização de toda a informação apenas para tratamento estatístico. A aplicação do protocolo durou cerca de 20 minutos, contudo constatou-se que os alunos a quem os protocolos foram aplicados no início do tempo lectivo aplicaram-se mais no teste figurativo para avaliar a criatividade, do que os alunos que preencheram os questionários no final das aulas. Estes revelavam-se mais agitados, dispersos e conversadores do que os alunos que preencheram os questionários no início das aulas.

Relativamente ao desenho de investigação a presente investigação é correlacional, ambicionando-se estudar a relação entre as variáveis Criatividade, Personalidade e Motivação para Prática Deliberada.

Após a recolha de dados efectuada, os questionários foram cotados de acordo com as indicações dos respectivos autores e seguidamente realizou-se o tratamento e análise recorrendo-se ao programa estatístico IBM SPSS (Statistical Package for Social Science) versão 20.

CAPÍTULO VI – RESULTADOS

1. Qualidades Psicométricas dos instrumentos

1.1. Qualidades Psicométricas do TCT-DP

Com o objectivo de explorar a validade do TCT-DP na amostra em estudo, realizou-se uma análise factorial exploratória. Analisámos previamente a adequabilidade dos dados à análise factorial e o valor encontrado pelos indicadores Kaiser-Meyer-Olkin - KMO foi .717, ultrapassando portanto o valor recomendado; o índice de esfericidade Bartlett atingiu a significância estatística ($p=.000$), pelo que, foi possível proceder à análise factorial.

Na extracção dos factores, os 14 critérios que constituem o TCT-DP, foram submetidos à análise de componentes principais com rotação varimax, tendo-se obtido uma solução com quatro factores que explicam 55.62% da variância total.

Tabela 2. Matriz Rodada e variância do TCT-DP total e por factor

	Componentes			
	1	2	3	4
	25.205%	11.691%	9.772%	8.949%
Total 55.62%				
Novos Elementos	.809			
Ligações com Linhas	.754			
Ligações que contribuem para um Tema	.701			
Não convencional B		.685		
Humor		.625		
Não convencional A		.576		
Não convencional D		.564		
Não convencional C		.481		
Continuações			.817	
Completações			.759	
Quebra Limite			.498	
Dependente				
Perspectiva				.811

Quebra Limite	.648
Independente	
Rapidez	-.578

Como é possível verificar na Tabela 2 o primeiro factor é composto por três itens: Novos Elementos, Ligações com Linhas e Ligações para um Tema, que explicam 25.205% da variância total do teste. O segundo factor é composto pelos itens Não Convencional A, Não Convencional B, Não Convencional C, Não Convencional D e Humor que explicam 11.691% da variância total. O terceiro factor é composto pelos critérios Continuações, Completações e Quebra de Limite Dependente, que explicam 9.772%. O quarto factor é composto pelos critérios Perspectiva, Quebra do Limite Independente e Rapidez, que explicam 8.949% da variância total.

Para testar a fiabilidade do teste utilizou-se o índice de consistência interna, Alpha de Cronbach. Para o total TCT-DP foi encontrado um Alfa de Cronbach considerado próximo do adequado ($\alpha=.61$), pois segundo Pallant (2007) o valor mínimo recomendado de alfa de Cronbach é de .7.

No que diz respeito a cada um dos factores e visto que os factores são constituídos por um número reduzido de itens, procedeu-se à análise da correlação item-total para cada um dos itens. Constatámos que os valores de correlação item total são iguais ou superiores a .3 (Tabelas 3, 4, 5 e 6), onde se pode concluir a existência de um valor adequado de consistência interna entre os itens que constituem cada um desses factores (Pallant, 2007).

Tabela 3.Consistência Interna do Factor 1

	Correlação Item-Total	Alfa de Cronbach se o item for retirado
Novos Elementos	.540	.526
Ligações com linhas	.433	.553
Ligações que contribuem para um Tema	.521	.523

Tabela 4.Consistência Interna do Factor 2

	Correlação Item – Total	Alfa de Cronbach se o item for retirado
Não Convencional A	.004	.622

Não Convencional B	.224	.603
Não Convencional C	.231	.601
Não Convencional D	.284	.597
Humor	.497	.580

Tabela 5.Consistência Interna do Factor 3

	Correlação Item – Total	Alfa de Cronbach se o item for retirado
Continuações	.313	.595
Completações	.403	.571
Quebra do Limite Dependente	.319	.585

Tabela 6.Consistência Interna do Factor 4

	Correlação Item – Total	Alfa de Cronbach se o item for retirado
Perspectiva	.237	.603
Quebra do limite Independente	.322	.590
Rapidez	-.320	.728

Observando a Tabela 6, pode-se verificar que se o item Rapidez for retirado, obtém-se um alfa de Cronbach superior a .7 o que revela um índice de consistência interna aceitável.

1.2.Qualidades Psicométricas do QMPD

Para testar a fiabilidade do teste utilizou-se o índice de consistência interna, Alpha de Cronbach. Para o total QMPD foi encontrado um Alfa de Cronbach de .856.

Contudo, visto que os factores são constituídos por um número reduzido de itens, procedeu-se à análise da correlação item-total para cada um dos itens. Constatámos que os valores de correlação item total são iguais ou superiores a .3 (Tabelas 7, 8, 9, 10 e11), onde se pode concluir a existência de um valor adequado de consistência interna entre os itens que constituem cada um desses factores (Pallant, 2007). Tal análise foi realizada a partir dos itens

do questionário que se encontra em adaptação para a população do nosso país, devido ao facto de ter sido este o questionário aplicado à amostra e não o questionário original.

Tabela 7.Consistência Interna do Factor 1

	Correlação Item – Total	Alfa de Cronbach se o item for retirado
Item 10	.533	.846
Item 11	.490	.848
Item 13	.661	.842
Item 14	.537	.847
Item 15	.569	.845
Item 16	.452	.849

Tabela 8.Consistência Interna do Factor 2

	Correlação Item – Total	Alfa de Cronbach se o item for retirado
Item 1	.343	.853
Item 2	.408	.851
Item 4	.465	.849
Item 5	.340	.854

Tabela 9.Consistência Interna do Factor 3

	Correlação Item – Total	Alfa de Cronbach se o item for retirado
Item 6	.412	.851
Item 12	.489	.849
Item 18	.290	.855

Tabela 10.Consistência Interna do Factor 4

	Correlação Item – Total	Alfa de Cronbach se o item for retirado
Item 3	.399	.852
Item 7	.574	.846
Item 9	.473	.849

Item 17	3.48	.854
---------	------	------

Tabela 11. Consistência Interna do Factor 5

	Correlação Item – Total	Alfa de Cronbach se o item for retirado
Item 19	.339	.855
Item 20	.528	.846
Item 21	.496	.848

O factor 6 por contemplar apenas um item, não está sujeito a análise da consistência interna.

1.3. Qualidades Psicométricas do NEO-FFI

Relativamente ao NEO-FFI, procedeu-se à análise da consistência interna das dimensões da escala na amostra em estudo, apresentando um valor de *alpha de Cronbach* adequado para o *Neuroticismo* (.84), um valor de *alpha de Cronbach* um pouco inferior ao desejável para a *Extroversão* (.60), para a *Abertura à Experiência* um valor aceitável (.71), para a *Amabilidade* apresenta um valor de *alpha de Cronbach* um pouco inferior ao desejável (.66) e finalmente apresenta um valor de *alpha de Cronbach* adequado para a *Conscienciosidade* (.80).

2. Análise Descritiva dos Instrumentos

2.1. Análise Descritiva do TCT-DP

Os valores da Média, Desvio Padrão, Mínimo e Máximo, bem como os Percentis obtidos para os 14 critérios do TCT-DP encontram-se na Tabela 12.

Tabela 12. Análise Descritiva do TCT-DP

	TCT-DP						
	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo	Percentis		
					25	50	75
Continuações	4,43	,746	2	6	4,00	4,00	5,00
Completações	3,72	1,269	0	6	3,00	4,00	5,00

Novos Elementos	1,30	1,810	0	6	,00	,00	2,00
Ligações com Linhas	1,81	2,050	0	6	,00	1,00	3,00
Ligações que contribuem para um Tema	2,42	2,386	0	6	,00	2,00	5,00
Quebra Limite Dependente	,34	1,356	0	6	,00	,00	,00
Quebra Limite Independente	,19	,918	0	6	,00	,00	,00
Perspectiva	,30	,662	0	5	,00	,00	,00
Humor	,34	,683	0	3	,00	,00	,00
Não convencional A	,14	,627	0	3	,00	,00	,00
Não convencional B	,24	,816	0	3	,00	,00	,00
Não convencional C	,30	,890	0	3	,00	,00	,00
Não convencional D	,49	,800	0	3	,00	,00	1,00
Rapidez	3,72	1,975	0	6	3,00	4,00	5,00
Total	16,38	8,727	4	46	10,00	14,00	21,00

Tendo em conta uma análise descritiva dos resultados, verifica-se na Tabela 12 em termos de criatividade uma média global de 16.38 (DP= 8.727), com o mínimo 4 e o máximo 47 pontos.

No que diz respeito aos critérios, pode observar-se que na elaboração dos desenhos, os participantes deste estudo recorrem essencialmente a Continuações (M=4.43, DP=.746), Completações (M=3.72, DP=1.269), Ligações que contribuem para um Tema (M=2.42, DP=2.386) e apresentam também um valor elevado no critério da Rapidez (M=3.72, DP=1.975).

2.2. Análise Descritiva do QMPD

Os valores da Média, Desvio Padrão, Mínimo e Máximo obtidos para os 21 itens do QMPD encontram-se na Tabela 13.

Tabela 13. Análise Descritiva do QMPD

QMPD				
	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
QMPD1	4,15	,891	1	5
QMPD2	3,95	,830	1	5
QMPD3	3,75	1,048	1	5
QMPD4	4,09	,937	1	5
QMPD5	4,05	1,063	1	5
QMPD6	3,96	,781	2	5
QMPD7	3,95	,753	2	5
QMPD8	3,73	1,116	1	5
QMPD9	2,96	1,128	1	5
QMPD10	3,45	1,068	1	5
QMPD11	3,50	1,174	1	5
QMPD12	3,91	,797	1	5
QMPD13	3,52	,862	1	5
QMPD14	3,68	,823	1	5
QMPD15	3,69	,933	1	5
QMPD16	3,76	1,018	1	5
QMPD17	3,32	1,150	1	5
QMPD18	3,77	,791	2	5
QMPD19	3,38	1,168	1	5
QMPD20	3,57	1,018	1	5
QMPD21	3,63	,898	1	5
Total QMPD	77,52	10,359	34	104

2.3. Análise Descritiva do NEO-FFI

Os valores da Média, Desvio Padrão, Mínimo e Máximo obtidos para os cinco factores do NEO-FFI encontram-se na Tabela 14.

Tabela 14. Análise Descritiva do NEO-FFI

NEO-FFI				
	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Neuroticismo	23.78	7.580	4	43
Extroversão	31.29	5.315	12	48
Abertura à Experiência	28.90	6.271	14	47
Amabilidade	30.76	5.303	18	43
Conscienciosidade	32.34	6.261	16	48

3. Normalidade das dimensões em estudo

Com a finalidade de investigar se as dimensões em estudo seguem a distribuição normal, utilizou-se o Teste Kolmogorov-Smirnov, sendo os resultados apresentados na Tabela 15.

Tabela 15. Normalidade das dimensões através do Teste Kolmogorov-Smirnov

	Kolmogorov-Smirnov Test	P
TCT-DP (Criatividade)	1.965	.001***
QMPD (Motivação)	.800	.544
NEO-FFI		
Neuroticismo	.607	.855
Extroversão	1.007	.263
Abertura à Experiência	1.049	.221
Amabilidade	1.293	.070
Conscienciosidade	1.084	.191

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$

Através da análise dos resultados é possível verificar que a maioria das variáveis segue a distribuição normal ($p < .05$) assim, optou-se pela utilização de testes paramétricos.

4. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação em função das variáveis sócio demográficas

Para verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre géneros para o TCT-DP, QMPD e para as dimensões do NEO-FFI, foi realizado um teste T-Student. Os resultados são apresentados na Tabela 16.

Tabela 16. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre géneros

Género						
	Masculino (N=39)		Feminino (N=137)		t	P
	M	DP	M	DP		
TCT-DP (Criatividade)	19.49	10.308	15.48	8.036	2.238	.030*
QMPD (Motivação)	74.64	12.636	78.34	9.509	-1.982	.049*
NEO-FFI						
Neuroticismo	21.03	7.765	24.56	7.368	-2.613	.010*
Extroversão	30.51	6.688	31.51	4.861	-.869	.389
Abertura à Experiência	29.62	6.011	28.70	6.349	.803	.423
Amabilidade	29.28	5.753	31.18	5.112	-1.991	.048*
Conscienciosidade	30.54	6.423	32.85	6.141	-2.057	.041*

* $p \leq .05$

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para a Criatividade ($t(52.060)=2.238$; $p=.030$), sendo o género masculino a apresentar um valor superior, e para a Motivação ($t(174)=-1.982$; $p=.049$), onde o género feminino apresenta um valor superior, bem como para a dimensão *Neuroticismo* ($t(174)=-2.613$; $p=.010$), *Amabilidade* ($t(174)=-1.991$; $p=.048$) e *Conscienciosidade* ($t(174)=-2.057$; $p=.041$).

Para verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre as idades para o TCT-DP, QMPD e para as dimensões do NEO-FFI, foi realizado um teste T-Student. Os resultados são apresentados na Tabela 17.

Tabela 17. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Motivação e Personalidade entre as idades

	Idades				t	P
	18-24		>25			
	(N=119)		(N=57)			
	M	DP	M	DP		
TCT-DP (Criatividade)	16.16	8.929	16.82	8.358	-.469	.640
QMPD (Motivação)	76.74	9.401	79.14	12.047	-1.443	.151
NEO-FFI						
Neuroticismo	24.54	7.326	22.19	7.916	1.935	.055
Extroversão	31.16	5.497	31.56	4.950	-.468	.640
Abertura à Experiência	28.36	5.674	30.04	7.287	-1.665	.098
Amabilidade	30.08	5.250	32.19	5.170	-2.516	.013*
Conscienciosidade	32.00	6.290	33.05	6.195	-1.044	.298

* $p \leq .05$

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas apenas para a dimensão *Amabilidade* ($t(174) = -2.516$; $p = .013$), sendo o grupo com idade igual ou superior a 25 anos a apresentar um valor superior.

Para avaliar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre o Estado Civil para o TCT-DP, QMPD e para as dimensões do NEO-FFI, foi realizado um teste T-Student. Os resultados são apresentados na Tabela 18.

Tabela 18. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre o estado civil

Estado Civil						
	Solteiros/ Divorciados (N=155)		Casados/União de Facto (N=21)		t	P
	M	DP	M	DP		
TCT-DP (Criatividade)	16.31	8.814	16.86	8.254	-.267	.790
QMPD (Motivação)	76.71	10.447	83.48	7.494	- 2.867	.005**
NEO-FFI						
Neuroticismo	24.30	7.510	19.90	7.113	2.534	.012*
Extroversão	31.12	5.514	32.57	3.340	-1.706	.096
Abertura à Experiência	28.54	6.180	31.57	6.439	-2.098	.037*
Amabilidade	30.60	5.371	31.95	4.717	-1.097	.274
Conscienciosidade	31.90	6.383	35.57	4.106	-3.554	.001***

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$

Existem diferenças estatisticamente significativas para a Motivação ($t(174) = -2.867$; $p = .005$) apresentando o grupo de casados/união de facto um valor superior, relativamente às dimensões da personalidade, este grupo apresenta igualmente valores superiores para a *Abertura à Experiência* ($t(174) = -2.098$ $p = .037$), bem como para a *Conscienciosidade* ($t(174) = -3.554$; $p = .001$)

Relativamente ao grupo de solteiros/divorciados apresenta um valor superior para a dimensão *Neuroticismo* ($t(174) = 2.534$; $p = 0.12$).

Para avaliar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre as Habilitações Literárias para o TCT-DP, QMPD e as dimensões do NEO-FFI, foi realizado um teste T-Student. Os resultados são apresentados na Tabela 19.

Tabela 19. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre estudantes de Licenciatura e estudantes de Mestrado

Habilitações Literárias						
	Licenciaturas (N=69)		Mestrados (N=107)		t	p
	M	DP	M	DP		
TCT-DP (Criatividade)	15.63	7.686	16.86	9.339	-.904	.367
QMPD (Motivação)	77.49	10.774	77.53	10.133	-.025	.980
NEO-FFI						
Neuroticismo	24.35	8.436	27.41	6.989	0.799	.425
Extroversão	30.74	5.883	31.64	4.911	-1.104	.271
Abertura à Experiência	28.88	6.074	28.92	6.422	-.033	.974
Amabilidade	29.62	5.331	31.50	5.179	-2.315	.022*
Conscienciosidade	32.35	6.065	32.34	6.412	.012	.991

* $p \leq .05$

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas apenas para a dimensão *Amabilidade* ($t(174) = -2.315$ $p = .022$), sendo os alunos de mestrado a apresentar um valor superior.

Para verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre os alunos com reprovações e o TCT-DP, QMPD e as dimensões do NEO-FFI, foi realizado um teste T-Student. Os resultados são apresentados na Tabela 20.

Tabela 20. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre os alunos que reprovaram de ano e os que nunca reprovaram

Reprovações						
	Sim (N=88)		Não (N=88)		t	p
	M	DP	M	DP		
TCT-DP (Criatividade)	15.89	8.970	16.88	8.494	-.753	.453
QMPD (Motivação)	77.69	10.864	77.34	9.887	.225	.822
NEO-FFI						
Neuroticismo	23.48	7.409	24.08	10.720	-.526	.600
Extroversão	31.30	5.442	31.28	5.217	.014	.989
Abertura à Experiência	28.98	6.179	28.83	6.395	.156	.876
Amabilidade	30.88	5.723	30.65	4.878	.284	.777
Conscienciosidade	31.90	6.604	32.78	5.902	-.939	.345

De acordo com os resultados obtidos não existem evidências estatísticas para se afirmar que as médias dos estudantes que reprovaram sejam significativamente diferentes das dos estudantes que nunca reprovaram para a Criatividade, Motivação e para as dimensões do NEO-FFI, *Neuroticismo*, *Extroversão*, *Abertura à Experiência*, *Amabilidade* e *Conscienciosidade*.

Para verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre a situação profissional dos alunos e o TCT-DP, QMPD e as dimensões do NEO-FFI, foi realizado um teste T-Student. Os resultados são apresentados na Tabela 21.

Tabela 21. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre os sujeitos que têm uma profissão e os que não têm

Situação Profissional						
	Trabalha (N=66)		Não trabalha (N=110)		t	P
	M	DP	M	DP		
TCT-DP (Criatividade)	17.02	9.014	15.99	8.567	.750	.454
QMPD (Motivação)	77.20	11.698	77.71	9.517	-.301	.764
NEO-FFI						
Neuroticismo	22.97	8.328	24.26	7.089	-1.097	.274
Extroversão	31.65	4.981	31.07	5.517	.698	.486
Abertura à Experiência	29.77	6.647	28.38	6.005	1.429	.155
Amabilidade	31.32	5.641	30.43	5.087	1.079	.282
Conscienciosidade	32.86	6.483	32.03	6.132	.857	.392

Igualmente como na tabela anterior, não existem evidências estatísticas para se afirmar que as médias dos estudantes que exerçam uma profissão sejam significativamente diferentes das dos estudantes que não exerçam para a Criatividade, Motivação e para as dimensões do NEO-FFI, *Neuroticismo*, *Extroversão*, *Abertura à Experiência*, *Amabilidade* e *Conscienciosidade*.

Para verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre os alunos com hobbies e o TCT-DP, QMPD e as dimensões do NEO-FFI, foi realizada uma ONE WAY ANOVA. Os resultados são apresentados na Tabela 22.

Tabela 22. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre os tipos de Hobbies

Hobbies										
	Actividades desportivas (N=42)		Actividades artísticas (N=21)		Actividades lazer (N=31)		Outros (N=6)		F	P
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
TCT-DP (Criatividade)	17.86	10.221	19.60	9.779	17.32	8.191	17.83	4.401	.256	.857
QMPD (Motivação)	76.26	12.067	80.05	10.883	74.94	8.434	82.00	11.113	1.443	.235
NEO-FFI										
Neuroticismo	20.81	8.074	24.14	9.085	24.84	8.481	22.00	2.098	1.454	.232
Extroversão	32.33	4.776	29.86	4.498	31.87	6.815	30.83	4.446	1.041	.378
Abertura à Experiência	29.00	6.069	33.43	7.427	30.10	6.559	27.67	3.386	2.571	.059
Amabilidade	30.81	5.671	31.81	6.439	31.06	5.170	28.50	3.391	.561	.642
Conscienciosidade	32.67	6.934	32.14	8.284	32.97	6.003	36.17	3.869	.557	.645

Tal como na tabela anterior, não existem evidências estatísticas para se afirmar que subsistem diferenças estatisticamente significativas para a Criatividade, Motivação e para as dimensões do NEO-FFI, *Neuroticismo*, *Extroversão*, *Abertura à Experiência*, *Amabilidade* e *Conscienciosidade*.

Para verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre os Níveis Sócio-económicos dos alunos e o TCT-DP, QMPD e a as dimensões do NEO-FFI, foi realizada uma ONE WAY ANOVA. Os resultados são apresentados na Tabela 23.

Tabela 23. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre os Níveis Sócio – económicos

Nível Sócio-económico								
	Superior (N=33)		Médio (N=52)		Inferior (N=82)		F	P
	M	DP	M	DP	M	DP		
TCT-DP (Criatividade)	16.85	9.670	17.19	8.054	15.70	8.477	.531	.589
QMPD (Motivação)	76.79	9.051	75.23	10.51	78.46	9.705	1.740	.179
NEO-FFI				9				
Neuroticismo	25.30	6.826	25.40	8.166	22.52	7.252	3.475	.033*
Extroversão	30.09	4.844	31.42	5.385	31.65	5.339	1.061	.349
Abertura à Experiência	29.15	6.185	29.27	6.725	28.44	5.892	.336	.715
Amabilidade	31.06	5.425	30.37	5.402	30.68	5.280	.172	.842
Conscienciosida de	29.18	5.736	32.37	6.782	33.70	5.758	6.460	.002**

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

Posteriormente realizou-se uma análise Post Hoc através do teste de Tukey HSD para a dimensão *Neuroticismo* e *Conscienciosidade* (Tabelas 24 e 25).

Tabela 24. Análise Post Hoc Tukey HSD entre a dimensão Neuroticismo e os Níveis Sócio – económicos

Variável Dependente: Neuroticismo				
Nível socio-económico	Nível socio-económico	Média	Desvio Padrão	Sig.
Superior	Médio	-.101	1.663	.998
	Inferior	2.986	1.540	.131
Médio	Inferior	3,087	1,324	,054

Tabela 25. Análise Post Hoc Tukey HSD entre a dimensão Conscienciosidade e os Níveis Sócio – económicos

Variável Dependente: Conscienciosidade

Nível socio-económico	Nível socio-económico	Média	Desvio Padrão	Sig.
Inferior	Superior	4.513*	1.256	.001
	Médio	1.330	1.080	.436
Médio	Superior	3.184	1.356	.052

- $p \leq .05$

Após a análise através do Post Hoc a partir do teste de Tukey HSD, é possível confirmar que existem diferenças estatisticamente significativas para a *Conscienciosidade* sendo o grupo de estudantes de nível sócio-económico Inferior a apresentar um valor superior ($M=4.513$; $DP=1.256$).

Para avaliar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre o tipo de Coabitação dos alunos e o TCT-DP, QMPD e as dimensões do NEO-FFI, foi realizado uma ONE WAY ANOVA. Os resultados são apresentados na Tabela 26.

Tabela 26. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre a Coabitação

	Coabitação								F	P
	País		Amigos		Sozinhos		Outros			
	(N=89)		(N=18)		(N=17)		(N=51)			
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
TCT-DP (Criatividade)	16.14	8.596	16.17	11.413	17.59	8.832	16.42	8.142	.132	.941
QMPD (Motivação)	75.81	10.259	81.44	6.749	79.12	11.461	78.76	10.853	2.086	.104
NEO-FFI										
Neuroticismo	24.46	7.650	23.61	7.293	23.18	7.804	22.84	7.659	.530	.662
Extroversão	31.27	5.412	31.50	5.448	31.71	4.104	31.10	5.633	.065	.978
Abertura à Experiência	28.19	6.054	27.89	4.324	30.94	8.105	29.90	6.460	1.577	.196
Amabilidade	30.49	5.330	31.72	5.539	30.18	6.277	31.06	4.970	.388	.762

Conscienciosidade	31.75	6.381	32.06	4.318	33.35	8.147	33.08	6.023	.651	.583
-------------------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	------	------

Não existem evidências estatísticas para se afirmar que subsistem diferenças estatisticamente significativas para a Criatividade, Motivação e para as dimensões do NEOFFI, *Neuroticismo*, *Extroversão*, *Abertura à Experiência*, *Amabilidade* e *Conscienciosidade*.

Para verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre a Posição na Fratria ocupada pelos alunos e o TCT-DP, QMPD e as dimensões do NEO-FFI, foi realizada uma ONE WAY ANOVA. Os resultados são apresentados na Tabela 27.

Tabela 27. Análise das diferenças dos níveis de Criatividade, Personalidade e Motivação entre a posição na fratria

	Posição na Fratria							
	1º filho/ filho único (N=89)		Filho do meio (N=22)		Ultimo filho (N=58)		F	P
	M	DP	M	DP	M	DP		
TCT-DP (Criatividade)	17.66	9.068	15.95	9.332	14.61	7.441	2.209	.113
QMPD (Motivação)	77.24	9.394	79.23	10.337	76.03	11.406	.795	.453
NEO-FFI								
Neuroticis mo	23.93	7.862	24.64	6.004	23.31	7.612	.269	.764
Extroversã o	30.60	5.848	30.95	4.572	32.57	4.484	2.531	.083
Abertura à Experiência	29.49	6.951	27.55	6.434	28.48	4.878	1.049	.352
Amabilidad e	29.85	5.153	32.27	4.733	31.64	5.659	3.010	.052

Conscienci o-sidade	32.56	6.199	32.50	6.545	31.95	6.425	.173	.842
------------------------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	------	------

Não existem evidências estatísticas para se afirmar que subsistem diferenças estatisticamente significativas para a Criatividade, Motivação e para as dimensões do NEO-FFI, *Neuroticismo*, *Extroversão*, *Abertura à Experiência*, *Amabilidade* e *Conscienciosidade*.

5. Correlações

De forma a investigar as correlações entre as dimensões do NEO-FFI, da Criatividade (TCT-DP) e da Motivação (QMPD), foi utilizado o coeficiente de correlação de *Pearson*.

Tabela 28. Correlações entre as dimensões do NEO-FFI, Criatividade e Motivação

	Criatividade (TCT-DP)
NEO-FFI	
Neuroticismo	-.041
Extroversão	.109
Abertura à Experiência	.173*
Amabilidade	-.034
Conscienciosidade	-.027
QMPD (Motivação)	-.015

* $p \leq .05$

A Tabela 28 representa a matriz de correlações entre as dimensões do NEO-FFI, a Criatividade (TCT-DP) e a Motivação (QMPD).

A dimensão Abertura à Experiência correlaciona-se de forma positiva, estatisticamente significativa com a Criatividade, porém trata-se de uma correlação fraca

($r=.173$; $p \leq .05$). Desta forma, quanto maior a Abertura à Experiência do sujeito, maior a sua Criatividade.

Para analisar as relações entre as dimensões do NEO-FFI e a Motivação, foi utilizado o coeficiente de correlação de *Pearson*. Os resultados são apresentados na Tabela 29.

Tabela 29. Correlações entre as dimensões do NEO-FFI e Motivação

	Motivação (QMPD)
NEO-FFI	
Neuroticismo	-.128
Extroversão	.206**
Abertura à Experiência	.221**
Amabilidade	.194**
Conscienciosidade	.382***

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$

A Tabela 29 representa a matriz de correlações entre as dimensões do NEO-FFI e a Motivação (QMPD).

A dimensão Extroversão indica correlacionar-se de forma positiva, fraca e estatisticamente significativa com a Motivação ($r=.206$; $p \leq .01$), assim os resultados designam que quanto maior a Extroversão, maior a Motivação.

A dimensão Abertura à Experiência correlaciona-se igualmente de forma positiva, fraca e estatisticamente significativa com a Motivação ($r=.221$; $p \leq .01$), desta forma, quanto maior a Abertura à Experiência a Motivação.

A dimensão Amabilidade correlaciona-se de forma positiva, fraca e estatisticamente significativa com a Motivação ($r=.194$; $p \leq .01$), assim é possível constatar que quanto maior a Amabilidade, maior a Motivação do sujeito.

Finalmente a dimensão Conscienciosidade correlaciona-se de forma positiva, moderada e estatisticamente significativa com a Motivação ($r=.382$; $p \leq .001$), é possível assim verificar que quanto maior a Conscienciosidade dos estudantes estudados, maior a sua Motivação.

6. Análise de Regressão

Finalmente e considerando a importância das dimensões da Personalidade em relação à Criatividade procedeu-se à análise de regressão simples.

Desta forma verificou-se a Abertura à Experiência explica 2.99% da variância do TCT-DP [$F(1)=5.328$; $p=.022$ R Squared= .029].

Realizou-se igualmente uma análise de regressão entre a dimensão da Personalidade Abertura à Experiência e os cinco factores que compõem o TCT-DP encontrados nesta investigação.

Assim o primeiro factor composto pelos itens Novos Elementos, Ligações com Linhas e Ligações que contribuem para um Tema explica 4.62% da variância da Abertura à Experiência [$F(3)=2.771$; $p=.043$; R Squared= .046], o segundo factor composto pelos itens Não Convencional A, Não Convencional B, Não Convencional C, Não Convencional D e Humor explica 8.00% da variância da Abertura à Experiência [$F(5)= 2.957$; $p=.014$; R Squared= .080], o terceiro factor é composto pelos critérios Continuações, Completações e Quebra de Limite Dependente, que explica 1.04% da variância da Abertura à Experiência [$F(3)= .600$; $p=.616$; R Squared= .010]. Finalmente o quarto factor é composto pelos critérios Perspectiva, Quebra do Limite Independente e Rapidez e explica 4.04% da variância da Abertura à Experiência [$F(3)= 2.381$; $p=.071$; R Squared= .041].

CAPÍTULO VII – DISCUSSÃO

O presente estudo tem como principal objectivo analisar a relação entre a Criatividade, a Personalidade e Motivação nos estudantes do curso de Psicologia.

Relativamente aos objectivos específicos, esta investigação pretende investigar as relações existentes entre as variáveis sócio demográficas dos sujeitos, nomeadamente o género, a idade, as habilitações literárias, o nível sócio-económico e a posição na fratria e as variáveis Criatividade, Personalidade e Motivação, verificando se existem diferenças estatisticamente significativas.

Contudo é importante primeiramente incidir sobre a validade e fiabilidade do TCT-DP, verificando se este teste se revelou uma medida fiável e apropriada para avaliar a criatividade no presente estudo.

Devido ao facto do TCT-DP não estar aferido para a população portuguesa, procedeu-se a uma análise factorial para medir a sua validade de constructo. O valor encontrado pelos indicadores de Kaiser-Meyer-Olkin - KMO foi de .717 e o índice de esfericidade Barlett atingiu a significância estatística ($p=.000$) que se assemelha aos resultados obtidos em alguns dos estudos realizados com o TCT-DP em Portugal (Almeida & Ibérico Nogueira, 2008; Almeida & Ibérico Nogueira, 2010).

Quanto à análise da consistência interna do TCT-DP, o valor de Alpha de Cronbach obtido para o total da amostra (0.61) semelhante ao de estudos realizados no nosso país (Ibérico Nogueira, Frango & Almeida, 2011). Verificou-se que caso fosse retirado o item Rapidez, obter-se-ia um alfa de Cronbach superior a .70.

No que diz respeito aos critérios, pode observar-se que na elaboração dos desenhos, os participantes deste estudo recorrem essencialmente a Continuações ($M=4.43$, $DP=.746$), Completações ($M=3.72$, $DP=1.269$), Ligações que contribuem para um Tema ($M=2.42$, $DP=2.386$) e apresentam também um valor elevado no critério da Rapidez ($M=3.72$, $DP=1.975$). Relativamente aos sujeitos que apresentam maiores níveis de criatividade, os critérios mais usados foram a Quebra do Limite Dependente, a Quebra do Limite Independente, as Completações, as Continuações e as Ligações que contribuem para um Tema.

São vários os autores que procuram avaliar a Criatividade, desta forma, segundo a literatura, a maioria dos estudos revelam que a Criatividade não se encontra associada ao género dos sujeitos (Bachtold & Werner, 1970/1973; Kogan, 1974; Gupta, 1981, Baer, 1999, cit. por Alter, 2001), bem como em estudos realizados no nosso país (Almeida, Ibérico Nogueira & Bahia, 2007; Almeida & Ibérico Nogueira, 2008). Os próprios autores do TCT-DP (Urban & Jellen, 1996) não encontraram diferenças estatisticamente significativas. Porém,

segundo alguns autores (Paszkowska-Rogacz, 1992; Simonton, 2000; Morais 2001; Sousa Filho & Alencar, 2003) estes autores revelam ter encontrado diferenças ao nível da criatividade, sendo os homens a apresentar um valor superior.

Igualmente, a presente investigação encontrou também diferenças estatisticamente significativas em relação ao género e à Criatividade, sendo o género masculino a apresentar valores superiores de Criatividade ($t(52.060)=2.238; p=.030$), não corroborando a maioria dos estudos, tal pode dever-se, como mencionam Maia-Pinto e Fleith (2004), à influência dos factores sócio-históricos, os paradigmas e modelos educativos em rapazes e raparigas são distintos, permanecendo uma clara diferenciação entre géneros. Tradicionalmente constata-se uma maior estimulação do género masculino, uma maior valorização das suas produções intelectuais e da competitividade. Em oposição, ao género feminino é dada uma instrução mais passiva de transmissão dos valores, perfis que conduzem a um progresso distinto de capacidades, fundamentos, ambições e valores que, favorecem a criatividade masculina e limitam a feminina.

Em relação aos restantes dados sócio demográficos, presentes na literatura, nomeadamente a idade, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito aos seus níveis de criatividade, corroborando outros estudos (Urban e Jellen, 1996 cit. por Almeida, Ibérico Nogueira e Silva, 2008; Mostafa, 2005, cit. por Almeida, Ibérico Nogueira e Silva, 2008), contudo outros estudos apontam na direcção oposta, sendo os níveis encontrados favorecedores dos grupos etários mais elevados (Ibérico Nogueira & Bahia 2006), e outros favorecendo os sujeitos de grupos etários mais jovens (Almeida & Ibérico Nogueira, no prelo). Esta propensão indica a presença de variáveis não controladas nestas investigações que, estarão na base de tais disparidades.

No que diz respeito ao nível de escolaridade e aos anos de escolaridade, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, o que corrobora estudos realizados por Yellen e Urban (1986, cit. por Almeida, Ibérico Nogueira & Silva, 2008), que não verificaram diferenças de criatividade em função do nível de habilitações literárias, tal pode dever-se ao facto de a amostra ser constituída apenas por alunos de um único curso, confinando um nível de escolaridade muito fechado e semelhante. Porém, os estudos referidos anteriormente realizados em Portugal, indicam a existência de uma correlação positiva entre o nível de escolaridade e os níveis de criatividade independentemente da idade, i.e., verifica-se que os sujeitos com níveis mais elevados de escolaridade apresentam níveis superiores de criatividade.

Em relação aos níveis sócio-económicos, na presente investigação não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Contudo, visto a amostra pertencer maioritariamente a um nível socio-económico mais baixo (44.9%) poderia se supor que apresentariam valores significativos. Assim este facto remete para a suposição de que o contexto familiar dos sujeitos avaliados não é razoavelmente estimulante.

Não foram igualmente encontradas diferenças estatisticamente significativas quanto à posição na fratria, nos valores do TCT-DP, apesar da amostra ser composta maioritariamente por primeiros ou filhos únicos (52.7%), poderia se esperar valores significativos. Assim este resultado corrobora alguns estudos que revelam níveis de criatividade inferiores em filhos primogénitos, sugeridos por padrões educativos (Suloway, 1996 cit. por Alter, 2001; Rosenberg, 1982, cit. por Baer, 1993 e cit. por Alter, 2001).

Quanto ao estudo dos traços de Personalidade do NEO-FFI, comparativamente com os estudos referidos (Eysenck & Eysenck, 1975; Guida & Ludlow, 1989; MacCrae & John, 1992; Rosa, 1998; Santos et al, 2003; Manga et al, 2004; Anjos, 2011) foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação ao género, apresentado o género feminino valores superiores para a Amabilidade ($t(174) = -1.991$; $p = .048$) e Neuroticismo ($t(174) = -2.613$; $p = .010$), revelando assim, serem as mulheres a apresentarem maiores níveis de Ansiedade, Hostilidade, Impulsividade e Vulnerabilidade, mas ao mesmo tempo apresentam também Confiança, Rectidão, Altruísmo, Complacência, Modéstia e Sensibilidade.

Da mesma forma, foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o género e a Conscienciosidade, apresentando também o género feminino valores superiores ($t(174) = -2.057$; $p = .041$), encontrando-se de acordo com estudos anteriormente realizados (Negredo, 2005), bem como os sujeitos com estado civil de casado /união de facto ($t(34.757) = -3.554$; $p = .001$) e os sujeitos com nível sócio-económico Inferior revelam também valor superior ($F(2) = 6.460$; $p = .002$) neste traço de Personalidade, revelando competência, esforço de realização e autodisciplina. Tal pode dever-se ao facto destes sujeitos se encontrarem numa situação económica pouco confortável e estável, contudo não existem referências na teoria que corroborem tal resultado.

Os sujeitos solteiros revelam valores superiores no traço de Personalidade Neuroticismo ($t(174) = 2.534$; $p = 0.12$), apresentando diferenças estatisticamente significativas. Assim, tais sujeitos podem apresentar mais ansiedade, hostilidade, impulsividade e vulnerabilidade, o que pode fazer sentido devido a não se encontrarem envolvidos em nenhuma relação amorosa porém tal só poderia ser comprovado

fidedignamente após uma avaliação mais rigorosa, pois não existem referências teóricas que corroborem tal resultado.

Finalmente, quanto ao traço de personalidade Amabilidade, na presente investigação foi possível constatar a existência de diferenças estatisticamente significativas nomeadamente nas habilitações literárias, revelando os estudantes de mestrado valores superiores ($t(174) = -2.315$ $p = .022$), bem como foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação à idade, os sujeitos pertencentes à faixa etária superior a 25 anos, apresentam níveis superiores de Amabilidade ($t(174) = -2.516$; $p = .013$), é possível assim concluir que quão mais velhos e mais habilitações literárias possuem, podem revelar mais Confiança, Rectidão, Altruísmo, Complacência, Modéstia e Sensibilidade apresentam, o que pode fazer sentido, devido à experiência de vida que vão adquirindo, corroborando com resultados referidos por Anjos (2011), o seu estudo revela que os indivíduos mais velhos tendem a apresentar resultados ligeiramente inferiores no traço de personalidade Neuroticismo, Extroversão, e Abertura à Experiência e valores ligeiramente superiores Amabilidade e Conscienciosidade quando comparados com sujeitos mais jovens.

Os sujeitos casados apresentam também valores superiores para traço de Personalidade Abertura à Experiência, contudo não existem referências na teoria que corroborem tal resultado.

Relativamente à Motivação, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação ao género e ao estado civil. O género feminino apresenta valores superiores ($t(174) = -1.982$; $p = .049$), não corroborando com os estudos anteriormente referidos (Hodges et al., 2004; De Bruin et al., 2008) bem como os sujeitos casados/união de facto ($t(174) = -2.867$; $p = .005$), contudo para estes últimos resultados não foram encontrados estudos que corroborem ou discordem de tais resultados.

Face às correlações encontradas no presente estudo, foi possível verificar que entre a Criatividade e a Abertura à Experiência existe uma correlação positiva e fraca ($r = .173$; $p \leq .05$), tal pode dever-se ao facto de o pensamento divergente encontrar-se relacionado com a Criatividade, tal correlação encontra-se corroborada com estudos já existentes (Guilford, 1950; Maslow, 1968; Barry & Harrington, 1981; Sternberg & Lubart, 1991; McCrae, 1993/94; Feist, 1998; Soldz & Vaillant, 1999, cit. Wolfradt & Pretz, 2001; Alter, 2001; Santos et al, 2003, Larach, 2009). Desta forma é possível concluir que a conduta dos sujeitos com Abertura à Experiência encontra-se associada à Criatividade, assim estes sujeitos optam por problemas informais, sendo hábeis a resolver os seus próprios problemas, procuram várias

respostas igualmente aceitáveis, revelam comportamentos exploratórios, tendem a ser imaginativos, criativos, curiosos, bem como têm novas ideias e valores não convencionais.

Da mesma forma, tendo em conta a importância da dimensão da Personalidade Abertura à Experiência verificou-se que esta explica 2.99% da variância do TCT-DP.

Igualmente foram realizadas análises de regressão entre a dimensão da Personalidade Abertura à Experiência e os cinco factores que compõem o TCT-DP encontrados nesta investigação, assim o primeiro factor composto pelos itens Novos Elementos, Ligações com Linhas e Ligações que contribuem para um Tema explica 4.62% da variância da Abertura à Experiência, o segundo factor composto pelos itens Não Convencional A, Não Convencional B, Não Convencional C, Não Convencional D e Humor explica 8.00% da variância da Abertura à Experiência, o terceiro factor composto pelos critérios Continuações, Completações e Quebra de Limite Dependente explica 1.04% da variância da Abertura à Experiência e finalmente o quarto factor composto pelos critérios Perspectiva, Quebra do Limite Independente e Rapidez explica 4.04% da variância da Abertura à Experiência.

Embora o manual não nos forneça elementos para interpretar estes dados de uma forma segura, os critérios que compõem o segundo factor são supostamente algumas das facetas da criatividade, revelando sujeitos que não se encontram cingidos a padrões estereotipados, como a manipulação da folha, o uso de elementos surrealistas.

Relativamente à Motivação, apesar de fracas a moderadas, foram encontradas correlações para todos os traços de Personalidade, excepto o Neuroticismo, o que pode fazer sentido, devido às principais características deste traço se tratarem de ansiedade, hostilidade, depressão e vulnerabilidade, tal não se relaciona com a Motivação para a prática deliberada ou seja, um sujeito com estas características, não revela um envolvimento nas tarefas (Monteiro et al, 2010).

Assim, no presente estudo foram encontradas correlações com a Extroversão, ($r=.206$; $p \leq .01$), Abertura à Experiência ($r=.221$; $p \leq .01$), Amabilidade ($r=.194$; $p \leq .01$) e Conscienciosidade ($r=.382$; $p \leq .001$), segundo referências teóricas (Monteiro et al, 2010) um sujeito que revele Motivação para a prática deliberada, revela orientação para o envolvimento para a aprendizagem e para o bom desempenho e consequentemente bons resultados, evitando situações negativas (Elliot & Harackiewicz, 1996), a Motivação para a prática deliberada encontra-se focalizada para a abordagem à tarefa e para a realização pessoal, desta forma, parece se encontrar de acordo com as características que descrevem os traços de Personalidade que revelaram correlação, nomeadamente assertividade, a actividade e a procura de emoções positivas que caracteriza a Extroversão, as acções, as ideias e os valores,

que caracterizam a Abertura à Experiência, a confiança e a rectidão que caracterizam a Amabilidade e finalmente a competência, a ordem e o esforço de realização, juntamente com a autodisciplina que caracterizam a Conscienciosidade.

Conclusão

Os autores que têm realizado investigações no campo da Criatividade destacam a relevância e a indispensabilidade cada vez maior do ser humano ser criativo, num universo em que se conjectura um desenvolvimento sem precedentes. Desta forma, para que sejam desenvolvidos programas que fomentem a criatividade, é fulcral que existam instrumentos que a avaliem adequadamente, tal como realizem-se estudos com a finalidade de conhecer a sua relação com outros constructos cruciais do desenvolvimento humano (Bahia & Ibérico 2005).

O presente estudo tem como principal objectivo analisar a relação entre a Criatividade, a Personalidade e Motivação nos estudantes do curso de Psicologia.

Relativamente aos objectivos específicos, esta investigação pretende investigar as relações existentes entre as variáveis sócio demográficas dos sujeitos, nomeadamente o género, a idade, as habilitações literárias, o nível sócio-económico e a posição na fratria e as variáveis Criatividade, Personalidade e Motivação, verificando se existem diferenças estatisticamente significativas.

Os resultados da presente investigação, revelam existir relação entre a Personalidade e a Criatividade, de acordo com a maioria dos estudos efectuados, com o traço da Abertura à Experiência, apesar de uma correlação fraca, mas estatisticamente significativa e positiva constata-se que a conduta dos sujeitos com Abertura à Experiência encontra-se correlacionada à Criatividade, assim os sujeitos optam por problemas informais, são hábeis a resolver os seus problemas, procuram várias respostas igualmente aceitáveis, têm comportamentos exploratórios, tendem a ser imaginativos, criativos, curiosos, possuem novas ideias e valores não convencionais.

Da mesma forma, tendo em conta a importância da dimensão da Abertura à Experiência, esta explica 2.99% da variância do TCT-DP. Igualmente ao serem realizadas análises de regressão entre a dimensão Abertura à Experiência e os cinco factores que compõem o TCT-DP encontrados nesta investigação, foi possível constatar que o primeiro factor explica 4.62% da variância da Abertura à Experiência, o segundo factor explica 8.00% da variância da Abertura à Experiência, o terceiro factor explica 1.04% da variância da Abertura à Experiência e finalmente o quarto factor explica 4.04% da variância da Abertura à Experiência.

Contudo não se verifica relações entre a Motivação e a Criatividade. É essencial relembrar que a necessidade de uma educação mais criativa tem sido ressaltada por autores

diversos. Assim, Amabile (1996), propõe alternativas de estimulação da criatividade na sala de aula, principalmente, estimular a autonomia do sujeito, sustentar a autonomia e independência enfatizando assim valores, salientar as realizações, desviar situações de competição, expor os indivíduos a experiências que possam estimular a criatividade e encorajar comportamentos de questionamento e curiosidade. Esta pode tratar-se de uma justificação para a não existência de relação entre a Motivação e a Criatividade.

Em relação às limitações deste estudo, pode apontar-se o facto da amostra ser restringida apenas à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, não constituindo desta forma para uma amostra expressiva da população portuguesa, bem como a forma como foi recolhida a amostra (durante o horário lectivo), existindo variáveis externas não controláveis.

Quanto a sugestões, novas investigações deverão ser realizadas de forma a existirem mais estudos que permitam analisar a relação entre a Motivação para a prática deliberada e os traços de Personalidade, bem como entre a Motivação e a Criatividade, sendo assim fulcral considerar a importância de uma maior investigação nesta área, podendo desta forma investir-se em estudos futuros que permitam avaliar e comparar estudantes em geral e estudantes com melhores resultados a níveis académicos. A inclusão destas medidas pode justificar-se devido ao questionário aplicado para avaliar a Motivação estar mais direccionado para a Motivação para a prática deliberada em contexto académico (Monteiro et al, 2010).

De acordo com Bahia (2007) é necessário e fulcral que se continue a desenvolver estudos no âmbito da Criatividade, devido ao facto de o investimento na investigação da sua avaliação não só permitir esclarecer as múltiplas dimensões envolvidas como apontar para uma melhor compreensão do processo criativo.

Bibliografia

- Alencar, E. (1986). *Criatividade e Ensino*. Brasília: Psicologia – ciência e profissão.
- Alencar, E. (1992). *Como desenvolver o potencial criador*. Petrópolis: Vozes.
- Alencar, E. (2002). *O estímulo à criatividade em programa de pós-graduação segundo seus estudantes*. S.l: Psicologia – reflexão e crítica.
- Alencar, E. (2007). *Criatividade no Contexto Educacional: Três Décadas de Pesquisa*. Brasília: Psicologia Teoria e Pesquisa.
- Alencar, E., & Fleith, D. (2003). *Contribuições Teóricas Recentes ao Estudo da Criatividade*. Brasília: Psicologia Teoria e Pesquisa.
- Almeida, L., & Ibérico Nogueira, S. (2006). *Test of Creative Thinking – Drawing Production (TCT-DP): Estudo preliminar na população Portuguesa*. Minho: XI Conferência Avaliação Psicológica Formas e Contextos.
- Almeida, L., & Ibérico Nogueira, S. (2008). *Predicting Human Creativity: an exploratory study of TCT-DP (Test for Creative Thinking- Drawing Production) on a Portuguese Sample*. Lisboa: Comunicação apresentada na 2nd International Conference on Community Psychology.
- Almeida, L., & Ibérico Nogueira, S. (2009). *Creativity and Values - Studies with American Missionnaires and Portuguese Samples*. Comunicação apresentada no 11th European Congress of Psychology. Oslo, Julho 7-10.
- Almeida, L., & Ibérico Nogueira, S. (2010). *TCT-DP – Estudos Psicométricos na População Portuguesa*. S.l: III Congresso Brasileiro Psicologia: ciência e profissão.
- Almeida, L., & Ibérico Nogueira, S. (no prelo). *Estudo Preliminar do Test for Creative Thinking - Drawing Production (TCT – DP)*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Almeida, L.; Ibérico Nogueira, S., & Bahia, S. (2007). *Assessing Creativity: The Test for Creative Thinking- Drawing Production (TCT-DP) The Concept, Application, Evaluation and Portuguese Studies*. Praga: Comunicação apresentada no X European Congress of Psychology.
- Almeida, L.; Ibérico Nogueira, S., & Silva, J. (2008). *Propensão para inovar e criatividade: um estudo com adultos trabalhadores portugueses*. Lisboa: PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora.
- Almeida, L., & Vasconcelos, R. (2008). *Ensino Superior em Portugal: Décadas de profundas exigências e transformações*. S.l: Innovación Educativa.

- Alter, C. (2001). *Creativity styles and personality characteristics*. S.l: ProQuest Psychology Journals.
- Amabile, T. (1983). *The social psychology of creativity*. New York: Springer.
- Amabile, T. (1996). *Creativity in context*. Boulder, CO: Westview Press.
- Amabile, T. (1999). *How to kill creativity*. Harvard Business Review.
- Anjos, E. (2011). *Influencia de la personalidad en el cansancio emocional y el afrontamiento en universitarios brasileños*. Léon: Universidad de Léon.
- Bahia, S. (2007). *Psicologia da Criatividade*. Manual de Apoio para a disciplina de Psicologia da Criatividade. Mestrado em Teatro e Comunidade da ESTC/IPL
- Bahia, S. (2008). *Criatividade e universidade entrecruzam-se?*. Lisboa: Revista de ciências da educação.
- Bahia, S., & Ibérico Nogueira, S. (2005). *Entre a teoria e a prática da criatividade*. In Miranda, G. & Bahia, S. (Orgs). *Psicologia da educação: temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: the exercise of control*. N.Y.: Freeman.
- Bandura, A. (2005). *The evolution of social cognitive theory*. Oxford: University Press.
- Baer, J. (1993). *Creativity and divergent thinking: A task specific approach*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Berryman, J. (2002). *A psicologia do desenvolvimento humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Chagas, J., & Fleith, D. (2009). *Estudo comparativo sobre superdotação com famílias em situação socioeconómicas desfavorecida*. Brasil: Universidade de Brasília.
- Costa, P., & McCrae, R. (1992). *Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI): professional manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P., & McCrae, R. (1999). *NEO PI-R, Inventário de Personalidade NEO Revisto. NEO-FFI, Inventário NEO reduzido de Cinco Manual*. Madrid: TEA Edições.
- Csikszentmihalyi, M. (1988). Society, culture, and person: a systems view of creativity. In Sternberg, R. (Ed.), *The nature of creativity: contemporary psychological perspectives*. NY: Cambridge University Press.
- Csikszentmihályi, M. (1998). *Creatividad. El fluir y la psicología del descubrimiento y la invención*. Barcelona: Paidós.
- Csikszentmihalyi, M. (1999). *Implications of a systems perspective for the study of creativity*.

- In Sternberg, R. (Org.). *Handbook of creativity* New York: Cambridge University Press.
- Damásio, A. (2005). *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Mem-Martins: Publicações Europa - América.
- De Bruin, A.; Rikers, R., & Schmidt, H. (2007). *The influence of achievement motivation and chess-specific motivation on deliberate practice*. S.l: Journal of Sport & Exercise Psychology.
- De Bruin, A.; Smits, N., Rikers, R., & Schmidt, H. (2008). *Deliberate practice predicts performance over time: A linear mixed models analysis*. S.l.: Manuscript submitted for publication.
- Deci, E., & Ryan, R. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behaviour*. New York: Plenum.
- Deci, E., & Ryan, R. (2000). *The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behaviour*. S.l: Psychological Inquiry.
- Dweck, C., & Legget, E. (1988). *A social-cognitive approach to motivation and personality*. S.l: Psychological Review.
- Eccles, J., & Wigfield, A. (2002). *Motivational beliefs, values and goals*. S.l: Annual review of psychology.
- Elliot, E., & Harackiewicz, J. (1996). *Approach and avoidance achievement goals and intrinsic motivation: A mediational analysis*. S.l: Journal of Personality and Social Psychology.
- Eysenck, H. (1994). *Creativity and personality: Word association, origence, and psychoticism*. S.l: Creativity Research Journal.
- Eysenck, H. & Eysenck, S. (1975). *Manual of the Eysenck Personality Questionnaire*. San Diego: EdITS Publishers.
- Gardner, H. (1988). *Creative lives and creative works: A synthetic scientific approach*. In Sternberg, R. (Ed.) *The nature of creativity: contemporary psychological perspectives*. N.Y.: Cambridge University Press.
- Gardner, H. (1993). *Creating minds: An anatomy of creativity*. New York: Basic Books.
- Getzels, J. W., & Csikszentmihalyi, M. (1976). *The creative vision*. New York: Wiley.
- Ghiselin, B. (1963). *The Creative process and its relation to the identification of Creative talent*. In C. W. Taylor; F. Barron (Eds.). *Scientific creativity: Its recognition and development*. New York: Wiley.
- Gleitman, H.; Fridlund, A., & Reisberg, D. (2007). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Guida, F. & Ludlow, L. (1989). *A cross-cultural study of test anxiety*. S.l.: Journal of Cross-Cultural Psychology.
- Guilford, J. (1950). *Creativity*. S.l.: American Psychologist.
- Hansenne, M. (2004). *Psicologia da Personalidade*. Lisboa: Climepsi.
- Hill, M., & Hill, A. (2005). *Investigação por questionário*. Lisboa: Sílabo.
- Hodges, N.; Kerr, T., Starkes, J.; Weir, P., & Nananidou, A. (2004). *Predicting performance times from deliberate practice hours for triathletes and swimmers: What, when, and where is practice important?* S.l.: Journal of Experimental Psychology.
- Ibérico Nogueira, S. (2006). *A sobredotação e o génio*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófona.
- Ibérico Nogueira, S., & Bahia, S. (2006) *A avaliação da criatividade ou a necessária criatividade na avaliação*. Lisboa: Revista Lusófona de Ciências da Mente e do Comportamento.
- Ibérico Nogueira, S.; Frango, P., & Almeida, L. (2010). *Caracterização dos níveis de criatividade numa amostra de sujeitos surdos*. “I Seminário Internacional - Contributos Educativos em Contextos Educativos”. Universidade do Minho: 19-20 Junho.
- Isaksen, S., & Lauer, K. (1998). *Relationship between cognitive style and social culture*. S.l.: European Journal of Personality.
- Kelly, G. (2005). *The Psychology of personal constrution*. N.Y.: Norton.
- Krahé, B. (1992). *Personality and social psychology: towards a synthesis*. Londres: Sage Pub.
- Larach, D. (2009). *Emotions as an Intervening Variable in the Creative Process*. Buffalo State College: International Center for Studies in Creativity
- Libório, A., & Neves, M. (2010). *Interações sociais e clima para criatividade em sala de aula*. Brasil: Aletheia.
- Lima, M. (2002). *Personality and culture: The Portuguese case*. In McCrae, R. & Allik, J. (Eds.), *The Five-Factor model of personality across cultures* N.Y.: Kluwer Academic Publisher.
- Lima, M., & Simões, A. (2000). *A teoria dos cinco factores: Uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico?*. Lisboa: Análise Psicológica.
- Maia-Pinto, R., & Fleith D. (2004). *Avaliação das Práticas Educacionais de um Programa de Atendimento a Alunos Superdotados e Talentosos*. S.l.: Psicologia Escolar e Educacional.

- Manga, D.; Ramos, F., & Morán, C. (2004). *The Spanish Norms of the NEO Five- Factor Inventory: New Data and Analyses for its Improvement*. Espanha: International Journal of Psychology and Psychological Therapy.
- Martínez, M. (2000). *A Criatividade, personalidade e educação*. São Paulo: Papirus.
- McClelland, D. (1987). *Human motivation*. Clenville: Scott Foresman.
- McCrae, R., & Costa, P. (1985). *Comparison of EPI and Psychoticism scales with measures of the Five-Factor Model of personality*. *Personality and Individual Differences*. S.l.: Journal of Personality and Social Psychology.
- McCrae, R., & Costa, P. (1997). *Personality trait structure as a human universal*. S.l.: American Psychologist.
- McCrae, R., & John, O. (1992). *An introduction to the five-factor model and its applications*. S.l.: Journal of Personality and Social Psychology.
- Monteiro, S.; Cruz, J.; Almeida, L., & Vasconcelos, R. (2010). *Adaptação e validação do questionário de motivação para a prática deliberada em contexto académico: análise em alunos de engenharia com desempenho excelente*. Braga: I Seminário Internacional- Contributos da Psicologia em Contextos Educativos.
- Morais, M. (2001). *Definição e avaliação da criatividade: Uma abordagem cognitiva*. Braga: CEEP.
- Negredo, A. (2005). *Diferencias de edad y género en el NEO-PI-R en dos muestras de distinto nivel académico*. Universidad de La Laguna: International journal of psychology and psychological therapy.
- Novaes, M. (1977). *Psicologia da criatividade*. Petrópolis: Edição Vozes.
- Nunes, A., & Miranda, J. (s.d.). *A Composição Social da população Portuguesa: alguns aspectos e implicações*. S.l.
- Osório, J., & Cruz, J. (2012). *Motivação para a prática deliberada em contextos desportivos: Exploração das suas dimensões e avaliação psicométrica numa amostra de jovens atletas de elite*. Universidade do Minho: II Seminário Internacional “Contributos da Psicologia em Contextos Educativos”.
- Pallant, J. (2007). *SPSS- Survival Manual*. USA: McGraw Hill Open University Press.
- Paszowska-Rogacz, A. (1992). *Nonverbal aspects of creative thinking: studies of deaf children*. European Journal for High Ability.
- Pereira, A. (2006). *SPSS- Guia prático de utilização. Análise de dados para ciências sociais e psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Puccio, G., & Murdock, M. (1999). *Creativity assessment: readings and resources*. Buffalo, NY: Creative Education Foundation.
- Rebollo, I., & Harris, J. (2006). *Genes, ambiente e personalidade*. In Flores-Mendoza, C. & Colom, R. (Orgs.). *Introdução à Psicologia das diferenças individuais*. Porto Alegre: Artmed.
- Rey, F. (1995). *La Personalidad, Educación u Desarrollo. Pueblo y Educación: La Habana*. S.l.
- Rosa, J. (1998). *Ansiedade, sexo, nível sócio-econômico e ordem de nascimento*. Porto Alegre: Psicol. Reflex. Crit.
- Runco, M. (2007). *Creativity. Theories and themes: Research, development, and practice*. San Diego, CA: Elsevier Academic Press.
- Santos, A.; Sisto, F., & Martins, R. (2003). *Estilos cognitivos e personalidade: um estudo exploratório de evidências de validade*. S.l.: Psico-USF.
- Sakamoto, C. (1999). *A Criatividade sob a luz da experiência: a busca de uma visão integradora do fenómeno criativo*. Bomtempo: São Paulo.
- Simonton, D. (1984). *Genious, creativity, and leadership. Historiometric Inquiries*. Cambridge, Massachussetts e Londres: Harvard University Press.
- Simonton, D. (2000). *Creativity: Cognitive, Personal, Developmental, and Social Aspects*. Califórnia: American Psychological Association,
- Silva, I., & Nakano, T. (2011). *Modelos dos cinco grandes factores da personalidade: análise de pesquisas*. Brasil: Avaliação Psicológica.
- Skinner, B. (2002). *Questões recentes na análise do comportamento*. Campinas: Papirus.
- Skinner, B. (2003). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Smolka, A. (2009) *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores*. In Vigotski, L. (org.) São Paulo: Ática.
- Soares, A. (2003). *Transição e adaptação ao Ensino Superior: Construção e validação de um modelo multidimensional de ajustamento de jovens ao contexto universitário*. Braga: Universidade do Minho.
- Sousa, F. (2012). *A criatividade como disciplina científica*. Santiago de Compostela: Meubook, S.L.
- Sousa Filho, P., & Alencar, E. (2003). *Habilidades de Pensamento Criativo em Crianças Institucionalizadas e não Institucionalizadas*. In Estudos de Psicologia.
- Sternberg, R. (1985). *Implicit theories of intelligence, creativity and wisdom*. S.l.: Journal of Personality and Social Psychology.

- Sternberg, R. (1988). *Mental self government: A Theory of intellectual styles and their development*. S.l.: Human Development.
- Sternberg, R (2001). *What is the common thread of creativity? Its dialectical relation to intelligence and wisdom*. S.l.: American Psychologist.
- Sternberg, R. (2005). *Inteligência de sucesso. Como a inteligência prática e a criativa são determinantes para uma vida de sucesso*. Lisboa: Esquilo.
- Sternberg, R., & Lubart, T. (1996). *Investing in Creative American Psychologist*. S.l.
- Taylor, C. (1976) *Criatividade: Progresso e Potencial*. São Paulo: Ibrasa.
- Torrance, E., & Torrance, J. (1974). *Pode-se ensinar criatividade?* São Paulo: E.P.U.
- Torrance, E. P. (1988). *The nature of creativity as manifest in its testing*. In Sternberg, R. (ed.), *The nature of creativity: contemporary psychological perspectives*. NY: Cambridge University Press.
- Torrance, E. (1993). *Experiences in developing technology for creative education*. Norwood: Ablex.
- Urban, K. (2005). *Assessing creativity: The Test for Creative Thinking – Drawing Production (TCT-DP)*. Germany: Shannon Research Press.
- Urban, K., & Jellen, H. (1996). *Manual Test for Creative Thinking: Drawing Production*. Frankfurt: Harcourt.
- Vernon, M. (1973). *Motivação humana*. Tradução de L. C. Lucchetti. Petrópolis: Edições Vozes.
- Wechsler, S. (1998). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. Campinas: SP: Editora Livro Pleno.
- Wechsler, S (2008). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. Campinas: IDB/LAMP-PUC.
- Weiner, B. (1992). *Human motivation: Metaphors, theories and research*. London: SAGE.
- Wolfradt, U., & Pretz, J. (2001). *Individual Differences in Creativity: Personality, story writing, and hobbies*. European Journal of Personality

APÊNDICES

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO DE DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICOS

Questionário de dados sócio demográficos:

1 – Dados biográficos

Género: Masculino ☐ Feminino ☐

Data de Nascimento: __/__/____

Nacionalidade: _____

Qual o seu estado civil:

Solteiro ☐

Casado/união de facto ☐

Divorciado ☐

Viúvo ☐

Local de Residência: _____

2 – Dados profissionais

Escolaridade:

Número de anos completos _____

Alguma vez reprovou?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, quantas vezes? 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ mais de 3 ☐

Em que anos? _____

Trabalha?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, qual o sua profissão? _____

Tem hobbies? Sim ☐ Não ☐ Se sim, qual/quais? _____

3 – Dados pessoais/ familiares

Profissão do pai: _____ Habilitações Literárias: _____

Profissão da mãe: _____ Habilitações Literárias: _____

Com quem vive? pais ☐ amigos ☐ sozinho ☐ outros ☐ _____

Tem irmãos?

Sim ☐

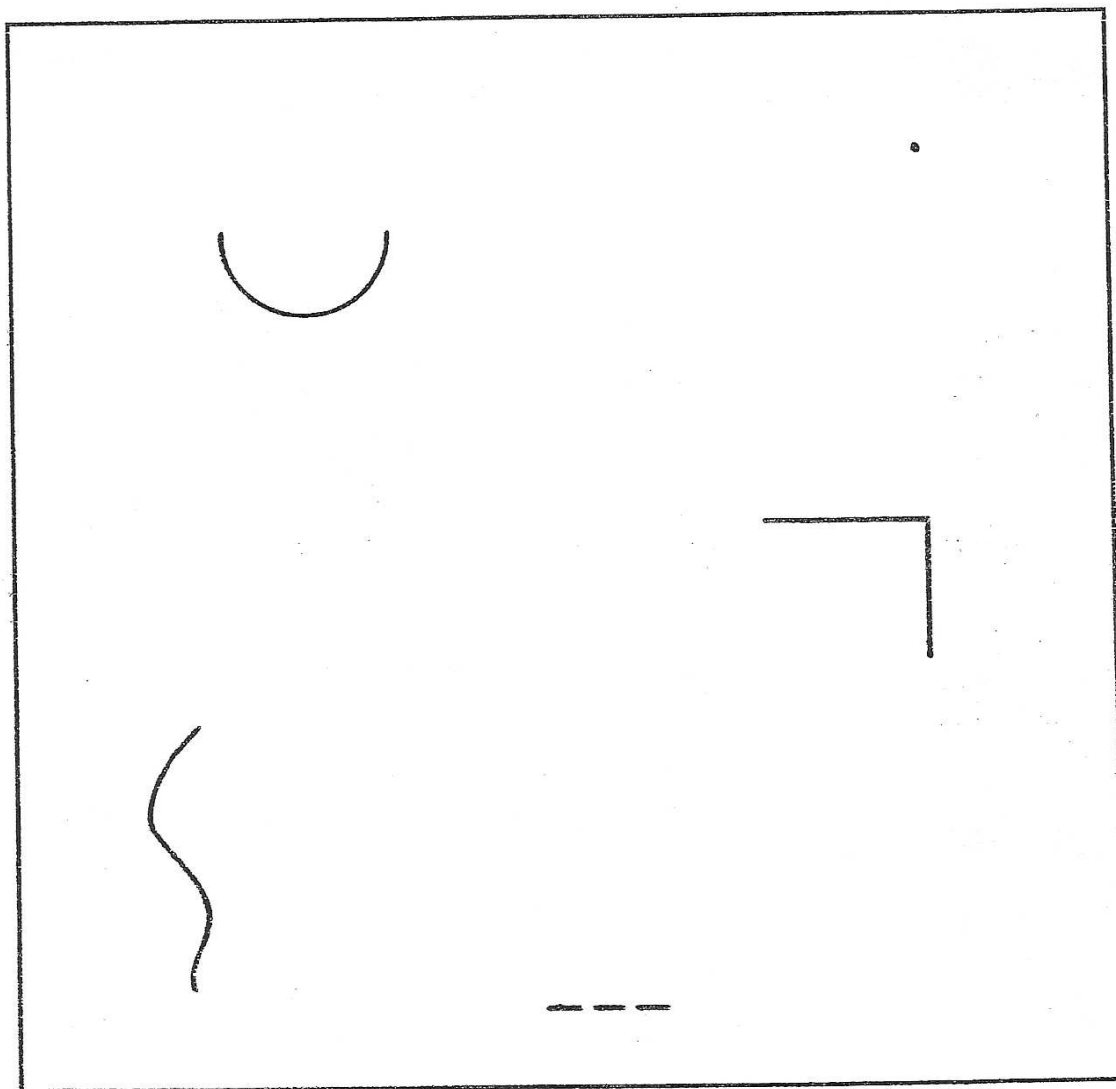
Não ☐

Se sim, quantos? _____ Idades: 1º _____, 2º _____ 3º _____ 4º _____

ANEXOS

ANEXO I – TESTE DE PENSAMENTO CRIATIVO

A
TSD-Z
TCT-DP



Direitos cedidos por Klaus Urban a Sara Ibérico Nogueira e Leonor Almeida,
desde 2007, para projectos de investigação em Portugal.

ANEXO II – NEO FIVE FACTORY INVENTORY

NEO-FFI

Lima & Simões (2000)

Leia cuidadosamente cada uma das afirmações que se seguem e assinale com uma cruz o que melhor representa a sua opinião. Responda a todas as questões.

Discordo Fortemente 0	Discordo 1	Neutro 2	Concordo 3	Concordo Fortemente 4
--	-----------------------------	---------------------------	-----------------------------	--

	0	1	2	3	4
1. Não sou uma pessoa preocupada.					
2. Gosto de ter muita gente à minha volta.					
3. Não gosto de perder tempo a sonhar acordado(a).					
4. Tento ser delicado com todas as pessoas que encontro.					
5. Mantenho as minhas coisas limpas e em ordem.					
6. Sinto-me muitas vezes inferior às outras pessoas.					
7. Rio facilmente.					
8. Quando encontro uma maneira correcta de fazer qualquer coisa não mudo mais.					
9. Frequentemente arranjo discussões com a minha família e colegas de trabalho.					
10. Sou bastante capaz de organizar o meu tempo de maneira a fazer as coisas dentro do prazo.					
11. Quando estou numa grande tensão sinto-me, às vezes, como se me estivessem a fazer em pedaços.					
12. Não me considero uma pessoa alegre.					
13. Fico admirado(a) com os modelos que encontro na arte e na natureza.					
14. Algumas pessoas pensam que sou invejoso(a) e egoísta.					
15. Não sou uma pessoa muito metódica (ordenada).					
16. Raramente me sinto só ou abatido(a).					
17. Gosto muito de falar com as outras pessoas.					
18. Acredito que deixar os alunos ouvir pessoas, com ideias discutíveis, só os pode confundir e desorientar.					
19. Preferia colaborar com as outras pessoas do que competir com elas.					
20. Tento realizar, conscienciosamente, todas as minhas obrigações.					
21. Muitas vezes sinto-me tenso(a) e enervado(a).					
22. Gosto de estar onde está a acção.					
23. A poesia pouco ou nada me diz.					
24. Tendo a ser descrente ou a duvidar das boas intenções dos outros.					
25. Tenho objectivos claros e faço por atingi-los de uma forma ordenada.					
26. Às vezes sinto-me completamente inútil.					
27. Normalmente prefiro fazer as coisas sozinho(a).					
28. Frequentemente experimento comidas novas e desconhecidas.					
29. Penso que a maior parte das pessoas abusa de nós, se as deixarmos.					
30. Perco muito tempo antes de me concentrar no trabalho.					
31. Raramente me sinto amedrontado(a) ou ansioso(a).					
32. Muitas vezes, sinto-me a rebentar de energia.					

Discordo Fortemente 0	Discordo 1	Neutro 2	Concordo 3	Concordo Fortemente 4
--	-----------------------------	---------------------------	-----------------------------	--

	0	1	2	3	4
33. Poucas vezes me dou conta da influência que diferentes ambientes produzem nas pessoas.					
34. A maioria das pessoas que conheço gostam de mim.					
35. Trabalho muito para conseguir o que quero.					
36. Muitas vezes aborreço-me a maneira como as pessoas me tratam.					
37. Sou uma pessoa alegre e bem disposta.					
38. Acredito que devemos ter em conta a autoridade religiosa quando se trata de tomar decisões respeitantes à moral.					
39. Algumas pessoas consideram-me frio(a) e calculista.					
40. Quando assumo um compromisso podem sempre contar que eu o cumpra.					
41. Muitas vezes quando as coisas não me correm bem perco a coragem e tenho vontade de desistir.					
42. Não sou um(a) grande optimista.					
43. Às vezes ao ler poesia e ao olhar para uma obra de arte sinto um arrepio ou uma onda de emoção.					
44. Sou inflexível e duro(a) nas minhas atitudes.					
45. Às vezes não sou tão seguro(a) ou digno(a) de confiança como deveria ser.					
46. Raramente estou triste ou deprimido(a).					
47. A minha vida decorre a um ritmo rápido.					
48. Gosto pouco de me pronunciar sobre a natureza do universo e da condição humana.					
49. Geralmente procuro ser atencioso(a) e delicado(a).					
50. Sou uma pessoa aplicada, conseguindo sempre realizar o meu trabalho.					
51. Sinto-me, muitas vezes, desamparado(a), desejando que alguém resolva os meus problemas por mim.					
52. Sou uma pessoa muito activa. +					
53. Tenho muita curiosidade intelectual.					
54. Quando não gosto das pessoas faço-lhe saber.					
55. Parece que nunca consigo ser organizado(a).					
56. Já houve alturas em que fiquei tão envergonhado(a) que desejava meter-me num buraco.					
57. Prefiro tratar da minha vida a ser chefe das outras pessoas.					
58. Muitas vezes dá-me prazer brincar com teorias e ideias abstractas.					
59. Se for necessário não hesito em manipular as pessoas para conseguir aquilo que quero.					
60. Esforço-me por ser excelente em tudo o que faço.					

**ANEXO III – QUESTIONÁRIO DE MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA
DELIBERADA**

QUESTIONÁRIO DE MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DELIBERADA (Versão para o contexto académico)*

Sílvia Monteiro, José F. Cruz & Leandro S. Almeida (2010)
Escola de Psicologia
Universidade do Minho

Este questionário apresenta um conjunto de situações relativamente à forma como se posiciona face ao estudo no Ensino Superior. É importante que responda de forma sincera, pensando naquilo que melhor o descreve e não naquilo que considera como resposta ideal. As respostas fornecidas serão tratadas com confidencialidade.

Agradecemos a sua colaboração.

Indique o seu grau de acordo ou desacordo para cada uma das afirmações seguintes, usando uma escala de 1 a 5, em que ① discorda totalmente e ⑤ concorda totalmente:

1.	Quero tornar-me um/a "especialista reconhecido/a" na minha área de estudo	① ② ③ ④ ⑤
2.	No meu estudo, procuro usar diferentes estratégias, em função dos diferentes conteúdos a estudar	① ② ③ ④ ⑤
3.	Seria capaz de abdicar dos meus passatempos para melhorar o meu rendimento académico	① ② ③ ④ ⑤
4.	Desde sempre desejei ser um/a profissional brilhante na minha área	① ② ③ ④ ⑤
5.	Não me consigo imaginar a abandonar o meu curso	① ② ③ ④ ⑤
6.	Penso que sou capaz de ser um/a excelente aluno/a	① ② ③ ④ ⑤
7.	Quero dedicar o máximo de tempo possível à minha formação na área do meu curso	① ② ③ ④ ⑤
8.	Se eu soubesse que seria bem sucedido/a em termos profissionais nesta área, ainda dedicaria mais tempo ao meu estudo	① ② ③ ④ ⑤
9.	Tenho que estudar todos os dias, por necessidade ou por gosto	① ② ③ ④ ⑤
10.	Quando começo a estudar, faço um plano e penso naquilo que tenho de melhorar	① ② ③ ④ ⑤
11.	Depois de um teste, revejo-o mentalmente e analiso o que poderia ter feito melhor	① ② ③ ④ ⑤
12.	Mesmo que sinta dificuldades no curso, gosto de as enfrentar	① ② ③ ④ ⑤
13.	Gosto de me envolver no estudo, de todas as formas possíveis	① ② ③ ④ ⑤
14.	Revejo mentalmente os exercícios e os conteúdos que tenho que estudar	① ② ③ ④ ⑤
15.	Gosto de planear o meu estudo para ser eficiente nas avaliações	① ② ③ ④ ⑤
16.	Se tiro uma má nota, a seguir estudo de modo mais intensivo	① ② ③ ④ ⑤
17.	Quanto mais estudo, mais sinto que preciso de estudar	① ② ③ ④ ⑤
18.	Encaro os exercícios e as situações complexas mais como desafios a ultrapassar do que como barreiras	① ② ③ ④ ⑤
19.	Sinto que o tempo passa depressa quando me encontro a estudar	① ② ③ ④ ⑤
20.	Depois de um teste, penso em aspectos que necessito melhorar	① ② ③ ④ ⑤
21.	Quanto mais estudo um assunto, mais vontade tenho de o aprofundar	① ② ③ ④ ⑤

Nome: _____

Curso: _____

Data: ____/____/____

Ano: _____

*Versão baseada no questionário original publicado por Bruhn, A. B. H. D., Rikers, R. M. J. P., & Schmeit, H. G. (2007). The Influence of Achievement Motivation and Chess-Specific Motivation on Deliberate Practice. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 29, 561-583.